

Nilton Eliseu Herbes

Acompanhamento

Pastoral em situações de sofrimento



Nilton Eliseu Herbes

Acompanhamento Pastoral em Situações de Sofrimento

São Leopoldo

2024

© 2024 Faculdades EST

© 2024 Nilton Eliseu Herbes

Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho

São Leopoldo - RS / CEP - 93030-220

Tel.: +55 (51) 93300-2566

www.amt-rs.com.br | amtrs@amt-rs.com.br



Esta obra foi licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial- Sem Derivados 3.0 Não Adaptada.

Capa e diagramação: Marcelo Ramos Saldanha

Os textos publicados neste livro são de responsabilidade de seu autor, tanto em relação ao respeito às normas técnicas e ortográficas vigentes e à idoneidade intelectual (respeito às fontes) quanto acerca do copyright. Qualquer parte pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Herbes, Nilton Eliseu

Acompanhamento Pastoral em Situações de Sofrimento / Nilton Eliseu Herbes. — São Leopoldo: Faculdades EST, 2024.

80 p.: il.

Formato: PDF .

ISBN: 978-65-88074-55-8

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

1. Acompanhamento Pastoral. 2. Sofrimento. 3. Teologia prática. 4. Psicologia Pastoral. I. Título.

Ficha elaborada por Câmara Brasileira do Livro

Sumário

Introdução.....	7
Acompanhamento e aconselhamento pastoral em emergência e catástrofes.....	9
Nilton Eliseu Herbes	9
Juliana Cristine Kupske Itermann.....	9
Acompanhamento de famílias enlutadas por morte de suicidas.....	31
Nilton Eliseu Herbes	31
Juliana Hoelscher Silveira.....	31
Grupo de acompanhamento de pessoas enlutadas.....	59
Nilton Eliseu Herbes	59
Índice Remissivo	79

INTRODUÇÃO

O sofrimento humano é parte integral da existencial. No decorrer da história pessoal, o ser humano se defronta com situações, muitas vezes, adversas a sua vontade, o que pode causar momentos de crises e acarretar a necessidade de cuidado por parte de outras pessoas. O acompanhamento e o aconselhamento pastoral são formas de cuidado a partir da realidade eclesial e do trabalho realizado por pessoas religiosas e leigas, que preparadas para tal exercício, se dispõem a andar, por um tempo, com quem sofre.

Os três artigos apresentados neste livro nos remetem a situações de extremo sofrimento pelo qual pessoas, em muitas comunidades cristãs, passam. O desafio de pensar sobre o acompanhamento e o aconselhamento pastoral em situações de luto por perda de alguém que cometeu o suicídio e como o cuidado em âmbito da comunidade de fé pode ocorrer é um dos assuntos apresentados nesta obra. Muitas pessoas se encontram em luto, podendo ser lutos recentes ou mesmo prolongados pelo tempo. Em comunidades de fé, por vezes, não há como acompanhar todas individualmente, principalmente pela questão de tempo disponível para tal ação. Assim, pensar um tipo de acompanhamento de pessoas enlutadas a nível de grupo é o outro desafio apresentado adiante. O terceiro tema trabalhado, é a questão do cuidado em situações de catástrofes e emergências. Um tema pertinente para a atualidade, onde esses eventos se tornam presentes em muitas das realidades, desafiando as pessoas que atuam no acompanhamento a irem ao encontro das pessoas atingidas.

Como objetivo, essa obra se apresenta como um material de pesquisa, mas com o intuito de oferecer reflexões práticas para a atuação pastoral. Auxiliar e acompanhar pessoas em situações de sofrimento sempre foi uma parte integral do agir de pessoas cristãs,

mas também como função de quem se sente chamado ao pastoreio do povo de Deus. Assim, essa obra quer ser um auxílio a reflexão e impulso para a ação em favor de quem se encontra em sofrimento.

ACOMPANHAMENTO E ACONSELHAMENTO PASTORAL EM EMERGÊNCIA E CATÁSTROFES

Nilton Eliseu Herbes*

Juliana Cristine Kupske Itermann**

RESUMO: O presente artigo aborda o acompanhamento e o aconselhamento pastoral em emergências e catástrofes, a partir de aspectos históricos e conceituais sobre o cuidado com as pessoas. É um tema relevante na atualidade, por abordar aspectos com os quais nos deparamos recorrentemente. As catástrofes e emergências estão presentes no cotidiano e requerem a atenção de pessoas religiosas e de comunidades cristãs. O acompanhamento e o aconselhamento pastoral são as formas como é realizada a intervenção com pessoas atingidas e que precisam de cuidado. O diferencial entre as duas formas de ação é de importância singular nesse contexto. Em situações extremas as pessoas necessitam de uma forma de acompanhamento pastoral, que é diferenciado do aconselhamento. É uma pesquisa de cunho bibliográfico reflexivo que busca encaminhar para uma ação prática no campo da Teologia e da pastoral.

Palavras-chave: Acompanhamento Pastoral. Aconselhamento Pastoral. Emergências. Catástrofes.

* Doutor em Teologia. Faculdade EST. E-mail: nherbes@yahoo.com.br

** Acadêmica do Bacharelado em Teologia da Faculdade EST. Bolsista de Iniciação Científica na área de Aconselhamento Pastoral. E-mail: julianakupske@gmail.com

ABSTRACT: This article addresses pastoral support and counseling in emergencies and catastrophes, based on historical and conceptual aspects of caring for people. It is a relevant topic today, as it addresses aspects that we frequently encounter. Disasters and emergencies are present in everyday life and require the attention of religious people and Christian communities. Pastoral support and counseling are the ways in which intervention is carried out with affected people who need care. The difference between the two forms of action is of singular importance in this context. In extreme situations, people need a form of pastoral support, which is different from counseling. It is reflective bibliographic research that seeks to lead to practical action in the field of Theology and pastoral care.

Keywords: Pastoral Support, Pastoral Counseling. Emergencies. Catastrophes.

INTRODUÇÃO

O acompanhamento e o aconselhamento pastoral são consolidados temas de estudo nas mais diversas frentes de pesquisa e atuação. Nas situações de catástrofes e de emergências é indiscutível que as pessoas recebam um cuidado voltado para as suas necessidades imediatas, sendo oferecido um acompanhamento das situações decorrentes do momento de crise. De acordo com as perspectivas existentes acerca da temática, busca-se responder à seguinte indagação: quais aspectos devem ser considerados para o acompanhamento e o aconselhamento pastoral diante das situações de emergências e catástrofes?

A partir dessa problemática, o objetivo do presente estudo é verificar as metodologias já aplicadas quando da ocorrência de situações de catástrofes e emergências, analisando aspectos conceituais e históricos do acompanhamento e do aconselhamento pastoral, para alcance da efetividade na atuação.

As hipóteses levantadas para investigação consistem, primeiramente, na constatação de que o acompanhamento e o aconselhamento pastoral são traços históricos da atuação das igrejas,

principalmente protestantes, na vida das pessoas, reconhecidamente importantes nas situações de crise. Esse cuidado se mostra imprescindível na ocorrência de situações extremas, pois nem sempre se perdem bens materiais, mas pessoas têm as suas vidas ceifadas, deixando outras enlutadas. Além desta hipótese, as catástrofes ocorridas ao longo da história foram deixando suas marcas negativas, bem como motivaram a adoção de métodos de acompanhamento das pessoas afetadas, os quais devem ser base para o desenvolvimento de abordagens aplicáveis aos tempos atuais.

O atual cenário de ocorrências como as citadas, naturais ou provocadas pela ação humana, cada vez mais frequentes e com dimensões incalculáveis, inspira ao preparo de pessoas que possam cuidar das vítimas. Esta é a justificativa para o estudo em desenvolvimento. Com isso, visa-se possibilitar o conhecimento e a análise do que já foi posto em prática em eventos catastróficos passados, a fim de otimizar as metodologias de atendimento nas situações de crises.

A metodologia adotada para o presente ensaio é a pesquisa bibliográfica, através de livros, artigos, manuais, enfim, publicações diversas que abordam o tema, tanto na forma impressa quanto na virtual. A percepção de lacunas do conhecimento nos materiais consultados, leva à análise de dados na forma hipotético-dedutiva, a partir das quais foram formuladas as hipóteses anteriormente expostas.

Logo, a fundamentação teórica está estruturada para facilitar a compreensão dos aspectos estudados. Intenciona-se contribuir com os conhecimentos já construídos, bem como incentivar a continuidade de pesquisas acerca da temática.

ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS

Os estudos teológicos estão intimamente ligados com aspectos do cuidado. O cristianismo, em sua essência, incentiva para práticas de solidariedade, de auxílio e de amor entre as pessoas. A partir de tais pressupostos não se pode deixar de falar sobre a conceituação das práticas de cuidado e sua incidência ao longo da história.

Compreender o cuidado se mostra essencial para agir na vida das pessoas que dele necessitam, especialmente, quando se fala em situações de emergências e catástrofes, o que é objeto da pesquisa do presente artigo. Neste sentido, sob o olhar da diaconia e do cuidado, Rodolfo Gaede Neto escreve que a solidariedade era, desde os primórdios do cristianismo, estimulada e praticada pelas pessoas quando acometidas por emergências.¹

Em sua etimologia, cuidar vem do latim, e significa pensar. Ou seja, para Bárbara Zwetsch e Ana Luiza Trein, antes de cuidar de algo ou alguém se faz necessário pensar.² Pensar em como iniciar a abordagem cuidadosa; quais as necessidades mais urgentes do caso; quais estratégias usar durante o processo; e, por fim, o que se pretende ao cuidar. Isto não se refere a ter proveito pelo que foi realizado, mas em qual momento e circunstância o cuidado pode ser dispensado.

Assim, facilmente se constata que o cuidado motiva o acompanhamento e o aconselhamento pastoral. Tais práticas pressupõem estudo e preparação de quem as executa. Em algum momento da vida, toda pessoa vai precisar desse olhar especializado, mesmo que não o perceba ou até mesmo o rejeite. O problema dessa necessidade é que nem sempre vai haver pessoas dispostas ou capacitadas para a função do cuidar. Isso depende, inclusive, da situação a qual as pessoas envolvidas estão submetidas.

Justamente nesse ponto está a motivação para observar o acompanhamento e o aconselhamento pastoral em situações de emergências e catástrofes. Nilton Eliseu Herbes discorre sobre cuidar

¹ GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.55, n.2, p. 319, jul. 2015. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/792/700>. Acesso em: 31 out. 2022.

² ZWETSCH, Bárbara Elisa; TREIN, Ana Luiza. Cuidadores e Cuidados: uma reflexão sobre o cuidado dentro das instituições totais. In: ANAIS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 2007, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2007. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/html/poster/1254_poster_resumo.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

dos pequeninos. Pequeninos, nesse caso, não são apenas as crianças, mas as pessoas mais vulneráveis, aquelas que se encontram em delicada situação de vida.³ Pessoas enfermas, presas, moradoras de rua, enlutadas, são exemplos disso, o que significa que merecem cuidado diferenciado. Juntam-se a elas as vítimas de catástrofes naturais ou de outras emergências, situações que demandam atendimento especializado e cuidados específicos, frisando que esse cuidado também se refere a cuidado espiritual ou pastoral.

Convém, por ora, expor uma situação histórica de emergência que demandou atenção e cuidados intensivos a uma população. Em seus estudos, Gaede Neto tomou conhecimento da peste que atingiu Cartago, no ano de 253. Neste contexto, a figura que aparece no papel do cuidado é o Bispo Cipriano.⁴ Cipriano motivou as pessoas, a partir dos ensinamentos de Cristo, a cuidar umas das outras, fossem elas cristãs ou não. Além de ir pessoalmente desempenhar o seu papel, ele buscou organizar a comunidade, envolvendo-a em tarefas de acordo com o que cada pessoa sabia fazer. Certamente, essa organização não só facilitou o cuidado indispensável na época, como ajudou no controle da peste, destaca Gaede Neto.⁵

O trabalho coletivo é um importante fator a ser considerado, afinal, situações emergenciais e catastróficas atingem várias pessoas, números significativos para o contexto, embora nem sempre elevados. Logo, uma só pessoa, não consegue dar conta de todo o cenário, sendo essencial a união de forças e de distintos dons.

³ HERBES, Nilton Eliseu (Org.). **NUANCES do aconselhamento pastoral hospitalar**. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2022. ISBN 9786588074442. Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/nuances_do aconselhamento_pastoral_hospitalar.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

⁴ GAEDE NETO, 2015, p. 320.

⁵ GAEDE NETO, 2015, p. 320.

ACOMPANHAMENTO PASTORAL

Abordada, sucintamente, a dimensão do cuidado ao longo da vida das pessoas e o seu contexto histórico, parte-se agora para a necessidade de acompanhamento pastoral em situações emergenciais e catastróficas. Acompanhar pastoralmente pode ser entendido como dar atenção, sensibilizar-se, colocar-se à disposição de quem precisa. O termo pode ser facilmente confundido com aconselhamento, entretanto, possui especificidades.

Como bem pontua Walter Hope, “O cuidado no acompanhamento pastoral quer ser dirigido pela ética do amor [...]”⁶. Assim, acolher com amor é dar à pessoa que sofre a oportunidade de iniciar seu processo de superação das dificuldades impostas pela emergência ou catástrofe sofrida. O acompanhamento pastoral deve ser realizado por quem estudou e entende do assunto, usando de técnicas apropriadas, mas cuidar é algo que qualquer pessoa pode fazer. A partir de Cristo, todas as pessoas são capazes de se cuidarem mutuamente com amor fraterno e respeito.

Percebe-se que tanto a Enciclopédia e Dicionário Ilustrado Koogan/Houaiss, quanto o Dicionário online definem a palavra acompanhar da mesma forma:

Verbo transitivo direto. Ir junto com; seguir, reconduzir: acompanhar uma visita até à porta. Fazer companhia: acompanhar os amigos. [Figurado]. Ouvir com muita atenção e entender perfeitamente o que lhe é dito: acompanhar uma explicação, raciocínio etc. [Música]. Seguir os cantores ou os instrumentos de uma música: acompanhar o cantor ao piano. Observar a marcha, a evolução, o desenvolvimento de; seguir: acompanhar uma tropa, um movimento artístico. Ser da mesma opinião que; concordar: acompanhar uma opinião. Participar dos mesmos sentimentos de alguém:

⁶ HOPPE, Walter. **A ação da Igreja no cuidado pastoral com pessoas com HIV**. São Leopoldo, RS, 2013. 86 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2013.

acompanho sua angústia. [...] Verbo pronominal. Estar rodeado ou se cercar de; juntar-se: acompanhava-se de intelectuais.⁷

Portanto, acompanhar é um processo de ir junto, estar junto com, fazer companhia a alguém que esteja conosco. No caso aqui pesquisado, é se colocar ao lado e estar à disposição de quem necessita de cuidado por estar passando por alguma situação de crise.

Blanco Ávila apresenta as principais atitudes de uma pessoa que acompanha, atitudes essas esperadas por todas as pessoas que se dispõem a acompanhar outras. O autor destaca principalmente: ir ao encontro da pessoa necessitada de cuidado onde esta se encontra no momento; o acompanhamento deve se basear no diálogo com a outra pessoa e não num monólogo; a atitude é compassiva, mas ao mesmo tempo, fala com autoridade; não age com coerção; a cuidadora sabe por limites e cuidar de si também em situações de acompanhamento; reforça as manifestações de fé de quem está sendo acompanhado e por último, toma o cuidado para que as suas necessidades e expectativas não passem por cima de quem precisa de acompanhamento.⁸ Importante frisar que essa é uma atitude de acompanhamento e não de persuasão.

Há indicação do acompanhamento mais diretivo em situações de crise aguda e desorientação geral. Sabendo que a Igreja tem suas origens em comunidade pastoral, nela podem surgir pessoas que, adequadamente capacitadas e credenciadas, podem vir a exercer o ministério do acompanhamento e do aconselhamento pastoral.⁹ Percebe-se que o aconselhamento é um campo dentro do processo de

⁷ HOUAISS, Antonio; KOOGAN, Abraão. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Delta, 2000. p. 17; DICCIONARIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acompanhar/>. Acesso em: 17 agosto 2023.

⁸ AVILA, Blanco Antonio. **Acompañamiento Pastoral**. Madrid: PPC Editorial y Distribuidora, S.A. 2018. p. 17-18.

⁹ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Aconselhamento pastoral. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2018. p. 10.

acompanhamento, sendo que este é muito mais amplo e pensado na direção diaconal do cuidado.

Muitas vezes, na literatura teológica prática há uma mistura das definições de acompanhamento e aconselhamento. O que se percebe é que o primeiro termo é mais usado em situações de enfermidade, principalmente dentro do contexto das capelanias hospitalares, e crise e o segundo, em situações da vida cotidiana da comunidade de fé.

ACONSELHAMENTO PASTORAL

Compreendida a conceituação de acompanhamento, passa-se agora para a compreensão de aconselhamento pastoral. Em sua origem, o aconselhamento é tratado como *cura d'almas*. Para Howard Clinebell, renomado estudioso do tema, o aconselhamento é definido pela utilização de distintas técnicas de métodos de cura, que visam proporcionar o enfrentamento de crises.¹⁰ Esse processo de cuidado se dá através do diálogo entre a pessoa atingida e a que realiza o aconselhamento.

Para Herbes, o aconselhamento pastoral não se restringe a dar sugestões, respostas, ou conselhos, mas é um processo de ajudar as pessoas a entender a situação na qual se encontram e encontrar uma forma de sair dela¹¹. Portanto, o aconselhamento deve promover a compreensão da situação vivenciada e auxiliar na superação, dentro do que é possível naquele momento, da dificuldade.

Para Daniel Schipani, o aconselhamento pastoral é uma forma de cuidado da Igreja, onde o emergir humano surge a partir do caminhar com pessoas quando estas enfrentam desafios e momentos de dificuldades na vida.¹² Esse mesmo processo de caminhar juntos,

¹⁰ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 6. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2016.

¹¹ HERBES, 2022, p. 19.

¹² SCHIPANI, Daniel. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 100.

podemos identificar quando falamos no acompanhamento de pessoas. Em outro momento, o autor destaca que o “aconselhamento pastoral deve ser ajudar as pessoas e levarem vidas sadias e de fé em meio a suas jornadas humanas normais.”¹³ Para esse processo de ajuda, vemos como fundamental a reflexão, ou seja, o diálogo.

Blanches de Paula afirma que “aconselhar é a arte de reconhecer nossa vocação para escutar a dor do outro e oferecer nossos olhos quando a pessoa em sofrimento não enxerga mais as cores que compõem a existência.”¹⁴ Assim, ela entende que “no aconselhamento, a mensagem vem de quem traz em si a história de vida que quer compreender com os valores de sua fé.”¹⁵ A autora concorda com a teoria de que o diálogo leva a reflexão do que a pessoa que procura pelo aconselhamento quer trabalhar, partindo da sua história de vida, a partir do referencial da fé.

Apesar de algumas correntes defenderem que o aconselhamento pastoral deve ser executado por ministros ou ministras, por possuírem mais conhecimento da Palavra de Deus, historicamente esse papel é estendido às pessoas leigas. Aponta Débora Santos que “Pessoas membros do corpo de Cristo, animadas pelo próprio Cristo, são desafiadas a serem aconselhadoras, uma vez que tem total capacidade de ajudar, cuidar, se solidarizar, escutar e auxiliar umas às outras.”¹⁶ Portanto o aconselhamento pastoral é responsabilidade da comunidade cristã como um todo.

Em situações de emergência e de catástrofes nem sempre o número de profissionais para o aconselhamento pastoral vai ser

¹³ SCHIPANI, 2004, p. 104.

¹⁴ PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós: luto, aconselhamento e esperança**. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011. p. 207.

¹⁵ PAULA, 2011, p. 207.

¹⁶ SANTOS, Débora Daiane Beyer dos; STRECK, Gisela I. W. Aconselhamento a mulheres em situações de violências em meio a pandemia do coronavírus. In: **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo: Faculdades EST, v. 47, n. 1, p. 90-99, 2021. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/PR/article/view/838/1750. Acesso em: 14 ago. 2023.

suficiente para atender as pessoas que necessitam desse cuidado. A pessoa ministra religiosa precisa estar sempre consciente disso, preparando outras pessoas para que possam auxiliar não só na vida comunitária diária, mas especialmente nas ocorrências extraordinárias, auxiliando-as a viverem o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem.

Considerando que as emergências e as catástrofes são cada vez mais recorrentes e com danos imensuráveis, a ajuda de pessoas leigas, capacitadas para o aconselhamento, é indispensável. O próprio Deus ensina que não se pode ter controle sobre tudo. Então, até para ajudar, a pessoa precisa reconhecer que pode contar com o auxílio de outras.

A partir dos pressupostos de cuidar e de precisar de cuidado, o aconselhamento pastoral é a verdadeira expressão do amor de Deus diante de qualquer circunstância, por mais delicada que seja. Os estudos desenvolvidos até o momento permitem o entendimento de que situações de emergência e de catástrofe demandam atenção e cuidado diferenciado no que tange ao aconselhamento pastoral.

EMERGÊNCIAS E CATÁSTROFES

Não se sabe quando alguém vai precisar de cuidado, tampouco quando uma situação de emergência ou uma catástrofe vai acontecer. O Brasil e o mundo têm vivenciado nos últimos tempos, de forma bastante intensa e cada vez mais frequente, muitas catástrofes e situações de emergência, acompanhadas de crises decorrentes desses acontecimentos.

A nível de Brasil, pode-se falar do incêndio da Boate Kiss, em 2013; da tragédia de Brumadinho/MG, ocasionada pelo rompimento de uma barragem contendo rejeitos de mineração, em 2019; e, dos ciclones extratropicais, que vem acontecendo desde o início de 2023 no sul do país; só para citar alguns. Fora do Brasil, os incêndios na Austrália, entre 2019 e 2020; furacões frequentes nos Estados Unidos; a Pandemia de Covid-19, a Guerra entre Ucrânia e Rússia, Israel e Palestina, são exemplos de ocorrências que impactam o mundo.

Tais fenômenos foram provocados pela força da natureza, bem como pela ação ou omissão humana. As consequências de cada um ultrapassam os danos materiais e exigem cuidados relacionados aos danos psicológicos. A pergunta que surge diante dessas colocações é: como fazer intervenções de acompanhamento pastoral para ajudar as pessoas vítimas de catástrofes e situações de emergência?¹⁷

Antes de falar sobre possíveis intervenções, é pertinente elucidar os conceitos de emergência e de catástrofe. Entre várias definições emergência é definida como “Ocorrência de perigo, situação crítica; incidente, imprevisto [...]”¹⁸. Popularmente, o termo emergência carrega consigo um estado de alerta, de atenção e de comoção. Por si só, o estado de emergência já mobiliza diversas pessoas para ajudar quem se encontra em tal situação.

Por sua vez, o termo catástrofe é delineado como “Grande desgraça, acontecimento funesto, calamidade. Fim lastimoso.”¹⁹ Uma catástrofe pode ter causas naturais (tempestades, ciclones, furacões, estiagem) ou provocadas (acidentes, chacinas, epidemias). Uma catástrofe causa grandes prejuízos e perdas, materiais ou imateriais e, geralmente, a um grupo numeroso de pessoas.

Outro importante conceito a ser trabalhado é o de crise accidental ou emergencial. Essa crise ocorre quando surge uma ameaça repentina, um abalo violento, uma perda inesperada. A morte de um ente querido, a descoberta de uma doença grave, um estupro, ou outro ato violento, uma gravidez fora do casamento, perturbações sociais como a guerra ou depressão econômica, a perda de emprego, a perda

¹⁷ Essa questão será trabalhada no ponto seguinte.

¹⁸ DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/emergencia/>. Acesso em: 31 out. 2022.

¹⁹ DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/catastrofe/>. Acesso em: 31 out. 2022.

repentina de status ou honra são exemplos de estresses circunstanciais que afetam os indivíduos e suas famílias.²⁰

Do ponto de vista pastoral, compreender emergências, catástrofes e crises leva a um maior entendimento de ação, tornando possível a especialização do acompanhamento e do aconselhamento nessas situações.

De acordo com Marina Carvalho e Maria Margarida de Matos, existem diferentes mecanismos de intervenção elaborados para as situações de crise decorrentes de emergências e de catástrofes, o desafio é criar meios de atuação eficazes²¹. A atenção dedicada às vítimas acontece de diferentes maneiras, considerando as possibilidades e os cenários apresentados.

Normalmente, uma comunidade de fé não está habituada a enfrentar situações de emergências e de catástrofes. Mesmo diante das particularidades dessas circunstâncias não é difícil que o acompanhamento pastoral acabe tendo os mesmos rumos dos casos do dia a dia. Por isso, se mostra adequado prestar atenção aos acontecimentos, buscar atualização e observar práticas já adotadas em situações análogas.

Outro aspecto que retira as pessoas responsáveis pelo acompanhamento e aconselhamento pastoral da sua zona de conforto é o local onde o atendimento deve ocorrer. Os espaços são variados e não se pode esperar que as vítimas procurem pelo auxílio, é preciso ir ao encontro delas, onde elas estão.

Existe um mecanismo na Alemanha que permite que a equipe de aconselhamento é acionada juntamente com a polícia e a

²⁰ COLLINS, Gary. **Aconselhamento Cristão, Edição Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 76.

²¹ CARVALHO, Marina Alexandra Diogo; MATOS, Maria Margarida Gaspar de. Intervenções psicossociais em crise, emergência e catástrofe. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 116-125, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872016000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 set. 2023.

emergência médica. Essa prática além de útil e necessária.²² O alinhamento de condutas das equipes de emergência permite um atendimento especializado e humanizado. Afinal, quando uma pessoa ou um grupo está em estado de choque em decorrência de uma situação adversa, sua atitude e sentimento são imprevisíveis. É imprescindível ter sensibilidade para ações excepcionais.

Os gestos mais simples, como estender a mão, oferecer um agasalho, ou mesmo ouvir as angústias nessas horas, se tornam importantíssimos. Ações diaconais podem ser a porta de entrada para o acolhimento de vítimas de catástrofes e de emergências, mas não é nisso que se deseja focar por ora. As pessoas responsáveis pelo aconselhamento precisam estar conscientes de que as suas ações criam vínculos de confiança, muito ligados às questões religiosas das vítimas, fazendo-as sentir que não estão abandonadas. Essa vinculação possibilitará não somente a estabilização momentânea, mas permitirá o acompanhamento posterior do quadro de crise.

DESAFIOS PARA O ACOMPANHAMENTO E O ACONSELHAMENTO PASTORAL

No contexto em que nos encontramos, há uma quase inexistência de prática de aconselhamento em emergência, sintetizado e organizado, há casos esporádicos, principalmente quando falamos em práticas das comunidades de fé. No campo da Teologia, não encontramos uma sintetização mais concreta dessa forma de ação. Utilizar o mesmo modelo de aconselhamento pastoral utilizado no dia a dia da vida das pessoas vinculadas as comunidades de fé, pode parecer inapropriado, pois as situações diferem, em muito, da realidade em emergências ou crises. Portanto, um olhar para fora da nossa realidade, nos auxilia a repensar e concretizar essa prática.

²² ZIEMER, Jürgen. *Seelsorgelehre*. 2. Auflage, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. p. 337.

Marina Carvalho e Maria Margarida de Matos destacam que conhecer as técnicas apropriadas para cada incidência (catástrofes naturais, violência, perdas, por exemplo) é importante. Os efeitos dessas situações adversas são imediatamente perceptíveis e, na maioria das vezes, temporários. Mas, a falta de cuidado adequado pode gerar variados traumas na vida das pessoas.²³

Segundo Jürgen Ziemer, as principais funções dos aconselhadores em emergência são descritas como “primeiro socorro a alma” (*Erste Hilfe für die Seele*), e na atividade concreta que podem vir a existir no local do ocorrido, são mencionados: “acompanhamento de pessoas não feridas gravemente, acompanhamento de feridos durante a salvação e o período de espera pelo socorro, acompanhamento de familiares, cuidado dos trabalhadores esgotados, dentre outras funções.”²⁴ Essas atividades se assemelham muito aos atos diaconais, mas são pensados também para dentro do campo do acompanhamento pastoral. Situações como as citadas, são situações pontuais, frutos de algum acidente, catástrofe, atentado ou algo do gênero, que envolvem pessoas que ficam à mercê do cuidado.

Quanto ao local da realização do aconselhamento em emergência, Christoph Morgenthaler afirma que não possui um lugar determinado e protegido para acontecer. Ele acontece onde há necessidade devido a um acontecimento específico. Pode tanto ter seu espaço de atuação em aeroportos ou rodoviárias, bem como em lugares abertos onde houve alguma tragédia, ou mesmo em realidade de catástrofes.²⁵ Portanto, o acompanhamento e aconselhamento pastoral na situação de emergências precisam se adaptar para a realidade encontrada, ou seja, o local onde ocorre o sinistro.

Em muitas situações, pessoas aconselhadoras precisam agir de forma ativa, direta e estruturada, assim ajudam a acalmar as pessoas

²³ CARVALHO; MATOS, 2016.

²⁴ ZIEMER, 2004, p. 318.

²⁵ MORGENTHALER, Christoph. **Seelsorge – Lehrbuch Praktische Theologie.** Band 3. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. p. 343-344.

atingidas e a esclarecer o acontecido. Outras coisas que podem ajudar no alívio, é que as próprias pessoas atingidas sejam motivadas a falar sobre os seus sentimentos e como realizam a situação atual, a comer algo, dar alguns passos e entrar em contato com outras pessoas conhecidas.²⁶ Essas podem ser pessoas amigos, familiares ou de alguma relação importante, que as possa apoiar no seguimento dos dias.

O aconselhamento em situações de emergência e catástrofes deve ter aperfeiçoamento constante, uma vez que os acontecimentos trágicos vêm se tornando cada vez mais recorrentes. A análise de riscos potenciais, quando possível, ajuda a equipe de aconselhamento a se preparar para ocorrências, desde as menos complexas até as mais delicadas.

É de se considerar que uma pessoa submetida a uma situação extrema, tenha dificuldade de lidar com as consequências desse acontecimento. A fase do choque pode durar algumas horas ou alguns dias, mas o acompanhamento dessa pessoa precisa ajudá-la a entender a situação e assimilar as fases da crise e do luto²⁷.

As situações de crises são resultado de acontecimentos antecessores, que desencadearam nas pessoas uma certa falta de controle. Lothar Carlos Hoch pontua que as crises oriundas de situações de emergências e catástrofes podem ocorrer em qualquer fase da vida de uma pessoa.²⁸ O desespero que uma situação súbita causa não pode ser medido. A pessoa que enfrenta tal crise tem a sensação de impotência e descontrole, uma perda do sentido da vida.

Morgenthaler define que aconselhamento em situações de crise é um aconselhamento onde a vida humana está correndo risco. Porém, realidades de crise apresentam dois lados distintos: elementos de

²⁶ MORGENTHALER, 2009, p. 344.

²⁷ MORGENTHALER, 2009, p. 346.

²⁸ HOCH, Lothar Carlos. A crise pessoal e sua dinâmica: uma abordagem a partir da psicologia pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; SCHEUNEMANN, Arno Vorpapel (Org.). **Redes de Apoio na Crise**. São Leopoldo: Con-Texto Editora, v. 1, 2003. p. 33.

perigo de morte e chances.²⁹ Neste sentido, três aspectos importantes devem ser mencionados:

1. Acompanhamento e Aconselhamento como ajuda na crise.

Acompanhamento e aconselhamento em situações de crise ajudam numa avaliação realista e diferenciada de uma situação específica, oferecem um espaço aberto para expressão e explicação de sentimentos, oferecem ajuda social e acompanham as pessoas atingidas na procura de sentimentos de razão e coerência. Assim, religiosos ou pessoas preparadas para tal atividade, trabalham em conjunto com outras organizações em regiões de crise, sendo esse um trabalho multiprofissional, valendo como regra para essa realidade específica:

Não hesitar, agir rapidamente;

Construir proteção e segurança - eliminar perigos;

Não minimizar, tentar consolar e animar, mas estar presente, aguentar junto, perceber/distinguir a realidade e ouvir;

Ajudar a identificar os fatores de influência e entender a situação causadora;

Ajudar a expressar, aguentar e explicar ou definir sentimentos;

Dar espaço para as ambivalências da situação;

Reconhecer redes de apoio, integrar pessoas de referência;

Possibilitar informações, normalizar a situação;

Falar de possibilidades de saída, alargar, concretizar;

Apoiar na realização de planos e mais tarde verificar as soluções;

Apoiar novas orientações de valores;

²⁹ MORGENTHALER, 2009, p. 199.

Dar espaço para culpa e sentimento de culpa, não os ignorar, mas também não os fortalecer, porém avaliá-los na realidade existente;

Não subestimar a influência exercida sobre os atingidos, mas aproveitá-la em favor deles;

Motivá-los a procurar ajuda profissional e apoiar tentativas de contato.³⁰

2. *Aconselhamento como ajuda para a superação*: Pessoas aconselhadoras são chamadas também para trabalhar problemas de contingência. Se confia em profissionais de aconselhamento pastoral e se espera que consigam ver o duplo sentido dos acontecimentos, que se diferenciam da interpretação dado por outros profissionais ou *experts*. Delas é esperado que consigam encontrar a relação dos fatos em situações de crise (com o que isso tem a ver), espera-se delas reflexão teológica e que consigam suportar a raiva e a rebeldia, porque, para a pessoa atingida, o fio vermelho do sentido da vida se rompeu. Por isso, pessoas aconselhadoras são desafiadas interiormente e emocionalmente, a verem não o último, mas o penúltimo e se engajarem pessoalmente. Não se pode esquecer e negar que aconselhamento em momentos de crise é, portanto, uma intervenção teológica em momentos de crise.³¹

3. *Esperança no aconselhamento em momentos de crise*: A crise do ser humano moderno é composta entre a bivalência dos desejos infinitos, de um lado, e as divisas do finito do outro lado. Assim se fala de uma teologia da esperança em tempo de crise: O Deus transcendente não é estático, mas dinâmico. O ser de Deus ainda está no será (futuro); seu Reino virá sobre nós com as mudanças do futuro – portanto ser livre significa ser livre para o poder de Deus, o qual se aproxima de nós no futuro desconhecido. No estar aberto para o futuro encontramos a força, para superar os limites e o sofrimento do presente e do

³⁰ MORGENTHALER, 2009, p. 199.

³¹ MORGENTHALER, 2009, p. 200.

passado.³² Portanto aconselhamento em momentos de crise ajuda as pessoas a acharem sentido numa fé do que virá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento e o aconselhamento pastoral nas situações tradicionais demandam atenção, cuidado e preparo de quem os executa. Nas situações de crise, ocasionadas por emergências e catástrofes, esses tópicos têm suas proporções aumentadas. É indiscutível que as emergências e catástrofes são cada vez mais recorrentes, nem por isso se tornam de fácil manejo. Pelo contrário, as ocorrências guardam suas peculiaridades e exigem atenção especializada.

Uma mesma situação causará diferentes sentimentos nas pessoas envolvidas. Logo, a sensibilidade e a atenção de quem acompanha e, mais tarde, realiza o acompanhamento pastoral dessas pessoas, precisam ser aguçadas. Não se pode tratar uma situação de crise decorrente de emergência ou catástrofe como um acontecimento qualquer.

Os cuidados com quem enfrenta tal situação não se limitam ao que está orientado em manuais ou livros. Precisam ser pensados, adaptados e adequados ao fato apresentado. Colocar-se ao lado é o primeiro passo para acolher e entender o que as pessoas afetadas por uma emergência ou catástrofe estão passando. Somente depois consegue-se ajudar no trabalho de elaboração e, muitas vezes, superação desse momento difícil.

Ainda, é fundamental dizer, a partir do que foi abordado neste artigo, que não é possível mensurar quanto tempo o acompanhamento e o aconselhamento pastoral vão durar diante de tais circunstâncias.

³² MORGENTHALER, 2009, p. 200-201.

Depende da dimensão da crise e dos efeitos que vão se desencadeando com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS

AVILA, Blanco Antonio. **Acompañamiento Pastoral**. Madrid: PPC Editorial y Distribuidora, S.A. 2018.

CARVALHO, Marina Alexandra Diogo; MATOS, Maria Margarida Gaspar de. Intervenções psicossociais em crise, emergência e catástrofe. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 116-125, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872016000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 set. 2023.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 6. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2016.

COLLINS, GARY. **ACONSELHAMENTO Cristão**, Edição Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/emergencia/>. Acesso em: 31 out. 2022.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/catastrofe/>. Acesso em: 31 out. 2022.

DICIONARIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acompanhar/>. Acesso em: 17 agosto 2023.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.55, n.2, p. 319, jul. 2015. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/792/700>. Acesso em: 31 out. 2022.

HERBES, Nilton Eliseu (Org.). **NUANCES do aconselhamento pastoral hospitalar**. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2022. ISBN

9786588074442. Disponível em:
[http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-
digitais/NUANCES_DO_ACONSELHAMENTO_PASTORAL_H
OSPITALAR.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/NUANCES_DO_ACONSELHAMENTO_PASTORAL_HOSPITALAR.pdf). Acesso em: 10 ago. 2023.

HOCH, Lothar Carlos. A crise pessoal e sua dinâmica: uma abordagem a partir da psicologia pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; SCHEUNEMANN, Arno Vorpapel (Org.). **Redes de Apoio na Crise**. São Leopoldo: Con-Texto Editora, v. 1, 2003.

HOPPE, Walter. **A ação da Igreja no cuidado pastoral com pessoas com HIV**. São Leopoldo, RS, 2013. 86 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2013.

HOUAISS, Antonio; KOOGAN, Abrahão. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Delta, 2000.

MORGENTHALER, Christoph. **Seelsorge – Lehrbuch Praktische Theologie**. Band 3. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós: luto, aconselhamento e esperança**. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011.

SANTOS, Débora Daiane Beyer dos; STRECK, Gisela I. W. Aconselhamento a mulheres em situações de violências em meio a pandemia do coronavírus. In: **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo: Faculdades EST, v. 47, n. 1, p. 90-99, 2021. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/PR/article/v
iew/838/1750](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/PR/article/view/838/1750). Acesso em: 14 ago. 2023.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. Aconselhamento pastoral. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2018.

ZIEMER, Jürgen. **Seelsorgelehre**. 2. Auflage, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

ZWETSCH, Bárbara Elisa; TREIN, Ana Luiza. Cuidadores e Cuidados: uma reflexão sobre o cuidado dentro das instituições totais. In: **ANAIS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO**,

2007, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2007. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/html/poster/1254_poster_resumo.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

ACOMPANHAMENTO DE FAMÍLIAS ENLUTADAS POR MORTE DE SUICIDAS

Nilton Eliseu Herbes*

Juliana Hoelscher Silveira **

RESUMO: O presente artigo nos traz um panorama sobre o acompanhamento daquelas pessoas que passam pelo processo de luto, após o suicídio de alguma pessoa da família ou do círculo de amizades próximas. O suicídio sempre tem sido um tema delicado, ainda mais no contexto de fé. O aconselhamento pastoral é a forma de cuidado que a igreja encontra para fazer o acompanhamento das famílias, ajudando-as no processo de alívio do luto e a trabalhar questões que, por séculos, foram incutidas na memória do povo. De forma mais intensa, no caso que tratamos aqui, as perguntas possuem um cunho teológico, abrangendo a presença de Deus, o pecado e a condenação eterna. A desconstrução dessa forma de pensamento é o desafio que seguimos no cuidado que a igreja pode oferecer para familiares de pessoas que cometeram o autoextermínio.

Palavras-chave: Suicídio. Luto. Família Acompanhamento. Aconselhamento Pastoral.

* Doutor em Teologia. Faculdade EST. E-mail: nherbes@yahoo.com.br

** Bacharela em Teologia e Assistência Social. Faculdades EST. E-mail: j-hoelscher-silveira@bol.com.br

ABSTRACT: This article provides an overview of the support provided to individuals going through the grieving process following the suicide of a family member or close friend. Suicide has always been a sensitive topic, especially within the context of faith. Pastoral counseling is the church's way of providing support to these families, helping them navigate the grieving process and address issues that have been ingrained in the collective memory for centuries. In the specific case discussed here, the questions have a theological dimension, encompassing the presence of God, sin, and eternal condemnation. Deconstructing this way of thinking is the challenge we face in the care that the church can offer to the relatives of those who have taken their own lives.

Keywords: Suicide. Grief. Family. Support. Pastoral Counseling.

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é inquirir como acontece o processo de luto com famílias de pessoas suicidas³³, e identificar os princípios básicos que deverão nortear o acolhimento e o cuidado de famílias e pessoas enlutadas pelo suicídio nas comunidades. Em relação a este último, faremos uso de aspectos teóricos do Aconselhamento Pastoral.

Todas as controvérsias que envolvem o tema do suicídio, são discussões que se desenvolveram no decorrer da história. Sempre houve grandes polêmicas sobre o assunto e diferentes práticas, no que

³³ Optamos em usar o termo famílias de suicidas, o termo “sobrevivente de suicídio” não é encontrado nos dicionários. O que descobrimos é que nos últimos anos é usado na suicidologia para se referir a familiares, cônjuge, companheiro ou companheira, pessoas amigas, colegas de alguém que se suicidou. Miranda faz referência a Clark e McIntosh para informar que “[...] o termo sobrevivente de suicídio pode ser confundido com a pessoa que realizou uma tentativa de suicídio, mas que sobreviveu.” MIRANDA, Tatiane Gouveia de. Autópsia psicológica: compreendendo casos de suicídio e o impacto da perda. 2014. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. p. 48.

tange a sepultamento e mesmo questões ligadas a salvação. Nesse ponto encontramos um dos grandes problemas teológico e pastoral, que gira em torno da pergunta: “a pessoa suicida vai para o céu?” Por isso a importância do acompanhamento de pessoas ligadas a alguém que cometeu o autoextermínio. Vemos como função da comunidade de fé a prática do acompanhamento de pessoas que passam por um período de luto, por perda de alguém próximo, por suicídio.

Esta pesquisa é bibliográfica, consultando autores e autoras que apresentam diferentes perspectivas do assunto. Iniciamos com uma questão mais conceitual e no decorrer do texto vamos nos aproximando de uma questão mais prática, ou seja, a realidade das comunidades de fé e como estas lidam com a questão do luto e do cuidado de pessoas que integram famílias de pessoas suicidas.

LUTO E ACONSELHAMENTO PASTORAL

Clive Staples Lewis começa a falar do luto da seguinte forma: “Ninguém me disse que o luto se parecia tanto com o medo. Não estou com medo, mas a sensação é a mesma. A mesma agitação no estômago, a mesma inquietação, o bocejo, a boca seca.”³⁴ Ele segue descrevendo o luto com grande força, como um sentimento avassalador e, diante do luto, levanta a fatídica pergunta teológica: “[...] onde está Deus?”³⁵

Conforme Henriete Lichtenfels, provavelmente o ser humano é o único ser vivo que tem consciência de que não poderá fugir da morte e das limitações que determinam seu tempo de vida e das pessoas próximas. Ainda muito pequena a criança passa a perceber que seu corpo não é o mesmo corpo da mãe, forçosamente aprende a

³⁴ LEWIS, Clive Staples. **A anatomia de uma dor: um luto em observação**. São Paulo, SP: Vida, 2006, p. 29.

³⁵ LEWIS, 2006. p. 31.

separar-se das pessoas e daquilo que ama.³⁶ Lichtenfels escreve que o luto “[...] é a perda de pessoas próximas ou de situações que têm uma relação de vínculo conosco. [...]. Toda perda grave gera um luto: a perda é uma das situações que mais traumatizam o ser humano.”³⁷ Na continuação de seu texto, a autora acrescenta que:

O luto pela perda de uma pessoa amada é a experiência mais universal e, ao mesmo tempo, mais desorganizadora e assustadora que vive o ser humano. O sentido dado à vida é repensado, as relações são refeitas a partir de uma avaliação de seu significado, a identidade pessoal se transforma. E ainda assim há vida no luto, há esperança de transformação, de recomeço. Porque há um tempo de chegar e um tempo de partir, a vida é feita de pequenos e grandes lutos, através dos quais o ser humano se dá conta de sua condição de ser mortal.³⁸

Existem, segundo Maria Franco, medidores para a significação do luto. Esses medidores são cultura, sociedade, espiritualidade e religião. Ou seja, um conjunto de comportamentos se manifesta quando uma pessoa morre. Precisam ser realizados vários movimentos, há decisões legais a serem tomadas, notificações a serem feitas, existe a necessidade de se encomendar e pagar pelos rituais. A organização e adequação dessas ações está muito arraigada em costumes e significados culturais da localidade onde aconteceu a morte ou da qual fazem parte as pessoas afetadas por ela. Assim é demonstrado tradicionalmente e confirmado pelo papel organizador dos rituais que espelhando significados beneficiados culturalmente, proporcionam uma moldura para que as pessoas afetadas pela morte se organizem em modelos conhecidos, sem depreciar o valor da

³⁶ LICHTENFELS, Henriete. Luto. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2018. p. 594.

³⁷ LICHTENFELS, 2018, p. 594.

³⁸ LICHTENFELS, 2018, p. 595.

personalização dos rituais. Na prática de rituais que já têm sentido e tradição está a religião.³⁹

A vivência do luto ocorre em contornos transmitidos culturalmente e religiosamente, podendo ou não estar alinhados com as necessidades desenvolvidas pelas pessoas enlutadas nos aspectos emocionais, físicos, cognitivos, espirituais. “Mesmo que a religião seja negada, não se deve ignorar a sua presença na vivência e no significado de uma perda e do luto dela decorrente.”⁴⁰

Colin Parkes comenta que “[...] o luto é a expressão dos vínculos que as pessoas estabelecem umas com as outras e que, em última análise, nossos vínculos têm suas raízes na infância.”⁴¹ Ele explica que

[...] o luto assemelha-se a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. A perda pode ser referida como “um choque”. Assim como no caso de um machucado físico, o “ferimento” aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer complicações, a cura é mais lenta ou um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado. [...].⁴²

Parkes comenta: “Mesmo o luto por morte não é simplesmente um estresse, como pode parecer à primeira vista. Em qualquer luto, raramente fica claro com exatidão o que foi perdido.”⁴³ Por exemplo, a morte do marido pode significar muitas coisas: a perda do parceiro sexual, do provedor do lar, do jardineiro etc. Isso ocorre porque as pessoas assumem muitos papéis em suas relações.

Conforme a reação provocada pela ausência do outro, a vivência do processo de luto proporcionará uma diversidade

³⁹ FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21**: Uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021. p. 101-102.

⁴⁰ FRANCO, 2021, p. 102.

⁴¹ PARKES, Colin **Murray**. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998. p. 15.

⁴² PARKES, 1998, p. 22.

⁴³ PARKES, 1998, p. 24.

de mudanças que dependerão da maneira como a pessoa percebe o mundo. Além disso, sua visão de mundo influenciará futuras relações. Lidar com a morte da pessoa amada, portanto, provoca, dentre tantas outras demandas, a descoberta de uma maneira singular de lidar tanto com as mortes reais quanto com mortes simbólicas e que poderá desencadear um fenômeno complexo, pois exige ‘um movimento de elaboração dos vínculos afetivos rompidos’.⁴⁴

Assim, no processo de luto a pessoa enlutada terá que enfrentar a ausência da pessoa que morreu, sendo que seu envolvimento no mundo, suas relações serão importantes para essa elaboração e mudanças que serão necessárias. Isto tudo, ao mesmo tempo em que essa elaboração será determinante para futuras relações e desenvolvimento das já existentes.

Neste contexto, entrando no tema do Aconselhamento Pastoral, entendemos que esta é uma área mais especializada do cuidado pastoral, dedicada a ajudar pessoas, famílias e grupos a enfrentarem pressões e crises da vida. Gary Collins afirma que, para ajudar as pessoas a lidarem com suas dificuldades e desafios, são empregados vários métodos buscando encontrar cura e crescimento espiritual.⁴⁵

Lothar Carlos Hoch escreve que o significado teológico do termo “poimênica” tem inspiração na atividade pastoral de cuidado com suas ovelhas. Essas ovelhas são protegidas, tem seus ferimentos curados, são defendidas de seus inimigos e de suas inimigas e quando se dispersam são buscadas de volta para seu rebanho.⁴⁶ Para Howard Clinebell o cuidado pastoral ou poimênica acontece dentro de uma congregação e de sua comunidade. Este é um ministério amplo e

⁴⁴ FUKUMITSU, Karina Okajima. **O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio**. 2013. 237 f. [Tese de Doutorado], Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p. 17.

⁴⁵ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão: edição século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 17.

⁴⁶ HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento pastoral e cuidado pastoral**. Joinville, SC: Grafar, 2019. p. 15.

inclusivo de cura e crescimento de todas as pessoas, durante toda sua vida.⁴⁷ O autor ainda afirma que situado dentro de uma comunidade solícita, de uma congregação, o ministério da poimênica, é tanto circunstância potencializadora quanto fundamento do ministério reparador do aconselhamento pastoral. Destacando que esse ministério não é somente compartilhado pela pessoa que exerce o pastorado, mas que toda a congregação o deveria exercer.⁴⁸

Por sua vez, Ronaldo Sathler-Rosa, escreve sobre o termo aconselhamento e destaca o quanto esse é problemático, pois o associam ao ato de dar conselho. Compreensões correntes de aconselhamento destacam a importância de pessoas, e grupos, sem tutela, desenvolverem e assumirem seus próprios processos de desenvolvimento. Todavia, tem sido indicado o acompanhamento mais diretivo em situações de crise aguda e desorientação geral. Sabendo que a igreja tem suas origens em comunidade pastoral, nela podem surgir pessoas que, adequadamente capacitadas e credenciadas, podem vir a exercer o ministério do aconselhamento pastoral, não sendo o termo “pastoral” aplicado somente à pessoa ordenada. Sua relevância é devido a sua tradição na história do pastoreio, assim como condições próprias da vida humana.⁴⁹

Clinebell é o autor mais usado em nosso contexto, quando falamos em Aconselhamento Pastoral. Ele afirma:

[...] Aconselhamento Pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento. O Aconselhamento Pastoral é uma função

⁴⁷ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 25.

⁴⁸ CLINEBELL, 2007, p. 25.

⁴⁹ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Aconselhamento pastoral. In: In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2018. p. 10.

reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises.⁵⁰

A poimênica em sua compreensão neotestamentária é incumbência de toda a congregação, que funciona como uma comunidade que presta assistência, promove cura e proporciona crescimento. Pessoas em sofrimento por suas perdas e que enfrentam crises deveriam encontrar nesse ministério geral um espaço interpessoal caracterizado por solicitude. Fazer parte de uma rede onde existe sustento mútuo pode, em casos de crise, fortalecer os efeitos curativos de aconselhamento e terapia como também dificultar que as crises aumentem progressivamente. Cabendo as pessoas religiosas utilizarem os fecundos recursos de sua formação, de seu papel profissional e de seu ofício pastoral na realização de seu trabalho de poimênica treinando, inspirando e supervisionando as pessoas neste ministério.⁵¹

Conforme Daniel Schipani, durante toda a vida as pessoas precisam de poimênica. Em tempos de graves crises, assim, geralmente de curto prazo precisam de aconselhamento pastoral.

Um aconselhador pastoral pode ajudar uma pessoa a passar pelo processo de luto, a lamentar sua perda, a encontrar recursos de apoio à sua volta, a enfrentar a morte iminente (sua própria ou a de um ente querido, seja ela esperada ou inesperada), a assumir responsabilidades, a libertar-se de sentimentos de culpa indevidos, a encontrar consolo e sentido, a recuperar a esperança. Os aconselhadores pastorais fornecem, dessa forma, apoio e orientação em meio ao sofrimento.⁵²

Todas as pessoas precisam de consolo, ajuda e orientação no transcorrer da vida. Cabe à igreja fornecer aconselhamento, servindo

⁵⁰ CLINEBELL, 2007, p. 25.

⁵¹ CLINEBELL, 2007, p. 33.

⁵² SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 112.

a pessoa próxima em suas necessidades e aliviando suas dores e tensões também nos momentos de crise e, sobretudo em momentos de perda e desespero como o luto.

SUICÍDIO E LUTO DE FAMILIARES

O suicídio é um meio de morrer particularmente horrível: o sofrimento mental que conduz a ele costuma ser prolongado, intenso e sem paliativos. Não existe morfina equivalente para mitigar a dor intensa, e a morte costuma ser violenta e terrível [...]. O suicídio traz como consequência um nível de confusão e devastação que, na maior parte, fica além de qualquer descrição.⁵³

Para Artur Mamed Candido normalmente a ideação suicida está relacionada a múltiplos fatores. Sendo que podem ocorrer paradoxalmente sobre as ideações suicidas de uma pessoa fontes de risco e de proteção. Como fatores de risco podem ser observados transtornos mentais, uso de álcool ou outras drogas. Por outro lado, fatores de proteção como suporte de profissionais especializados, casamento estável e religião.⁵⁴

Segundo Roosevelt Cassorla também são vários os fatores que podem levar ao suicídio. Este evento ocorre como resultado de um acúmulo de acontecimentos na vida da pessoa, aspectos constitucionais, culturais, ambientais, psicológicos, biológicos e outros. Normalmente o que se define como “causa” é apenas a junção final dessa cadeia.⁵⁵

Conforme a Organização Mundial da Saúde, etiológicamente o suicídio está associado a inúmeras condições, desde situação

⁵³ JAMISON, 2010 *apud* FUKUMITSU, 2013, p. 29.

⁵⁴ CÂNDIDO, Artur Mamed. **O enlutamento por suicídio: elementos de compreensão na clínica da perda**. 2011. 228 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília, DF. p. 85.

⁵⁵ CASSORLA, Roosevelt M. S. In: CASSORLA, Roosevelt M. S. (org.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991. p. 20.

econômica, cultural, política, sociológica, passando por aspectos biológicos até psicológicos e psicopatológicos.⁵⁶

De acordo com Giani Mota Brandão Pena, o suicídio no seu entendimento clássico

[...] se caracteriza pela impossibilidade do indivíduo encontrar diferentes alternativas de solução para seus conflitos. E estando em crise, acaba optando, finalmente, pela morte. Em outras palavras, estando o indivíduo num momento de profunda perturbação, pode se ver impossibilitado de lidar com o enfrentamento de seus problemas, não encontrando, assim, o devido equilíbrio com o meio social, projetando na morte a saída mais apropriada para estancar a dor do viver.⁵⁷

Maria Júlia Kovács afirma que, devido à sua complexidade, o suicídio não pode ser cogitado em todos os casos como psicose, ou consequência de desordem social. Igualmente não pode ser de forma simplista relacionado a um determinado acontecimento como perda de emprego ou término de relacionamento amoroso. Refere-se a um processo que pode ter se originado na infância, ainda que os motivos sejam tão somente motivos desencadeantes.⁵⁸ A mesma autora traz informações a respeito de histórico do suicídio na antiguidade greco-romana a partir de um levantamento feito por Kalina e Kovadloff.

[...] o suicídio era um ato clandestino, patológico, solitário e só seria avalizado com consentimento da sociedade. Não havia o poder de decisão pessoal, era uma transgressão. Os

⁵⁶ World Health Organization. **Suicide. World Health Organization.** Disponível em: <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/suicide>. Acesso: 01 jun. 2022.

⁵⁷ PENNA, Giani Mota Brandão. **Suicídio, sobrevivente e aconselhamento pastoral: reflexões no vale da sombra da morte.** São Leopoldo, RS, 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012, p. 11. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/335/1/penna_gmb_tmp242.pdf. Acesso 01. jun. 2022.

⁵⁸ KOVÁCS, Maria Júlia. Comportamentos autodestrutivos e o suicídio. In: KOVÁCS, Maria Júlia (org.). **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 167.

suicidas não tinham direito a uma sepultura regular e suas mãos eram enterradas separadamente. A mão era considerada assassina e sua separação destinava-se a evitar que cometesse outros atos proibidos. A proibição dos ritos funerários era uma forma de punição, para impedir um possível contágio dos cidadãos pelo suicida.⁵⁹

Entre os povos primitivos o suicídio poderia ser incitado pela comunidade quando ocorriam infrações às regras sociais, neutralizando a culpa e restabelecendo a pessoa diante do grupo. Portanto, estava sempre relacionado às normas do grupo.

Normalmente são muitas pessoas que possuem alguma relação com a pessoa que se matou, principalmente familiares, amigas e amigos, colegas de trabalho ou de escola, comunidade da igreja. Contudo, como aponta Uriel Heckert, outras pessoas podem ter sido implicadas, direta ou indiretamente, por ter emprestado uma arma, vendido medicação ou substâncias tóxicas, condutor de transporte (carro, trem) por ter atropelado a pessoa suicida que se atirou na frente. Essas pessoas passaram a ser chamadas de sobreviventes de suicídio.⁶⁰

Ao pesquisarmos o processo de luto por suicídio encontraremos autores e autoras que afirmam que esse processo ocorre da mesma forma que os demais processos de luto. Enquanto isso, outras pesquisadoras e outros pesquisadores apontam diferenças significativas. Assim, William J. Worden traz a informação de que para Cleiren e Dickstra, não existe diferença quanto ao luto por outros tipos de perdas. Enquanto, para Farberow, Gallager-Thompson, Gilewski e Thompson, evidenciam que o luto por suicídio tende a ser mais intenso e mais longo. Para Worden as pessoas enlutadas por suicídio

⁵⁹ KOVÁCS, 1992, p. 169.

⁶⁰ HECKERT, Uriel. O processo do luto e seus impactos nos casos de suicídio In: PERPÉTUO, Marcelo (org.). **Luto: tempo de chorar a dor e ressignificar a vida.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 2022. p. 18.

“[...] são deixadas não apenas com sensação de perda, mas acrescido de um legado de vergonha, medo, rejeição, raiva e culpa. [...]”⁶¹

Cabe constar que segundo Miranda, o luto complicado acarreta uma ligação entre o momento desde o acontecimento e algum engajamento que resulte em frustração, distorção em atividades ou etapas do processo de luto, “[...] ou ainda pela descrença, dormência, desprendimento, irritabilidade excessiva e raiva. [...]”⁶² De acordo com a autora o luto complicado está fortemente relacionado “[...] com comportamento suicida, morbidade física, além da presença de algum transtorno mental [...]”⁶³

Conforme Kovács o luto por suicídio “ativa a sensação de abandono e impotência em quem fica.”⁶⁴ Outro fator que para a autora dificulta a elaboração é que muitas vezes a pessoa enlutada enquanto ocupa-se de seu sentimento de culpa também se percebe culpabilizada pela sociedade. “Em muitos caos [sic], há uma dificuldade de desligamento da libido pela ruptura inesperada.”⁶⁵

Cândido faz menção a determinadas vivências e complicações psicológicas que são associadas ao luto por suicídio. Ele apresenta sentimentos específicos ou mais intensos desse tipo de luto. “[...] sentimento de culpa, vergonha, raiva, sensação de angústia ou falta de sentido existencial, sentimento de estigmatização, de falta de apoio ou compreensão dos outros, assim como uma maior tendência ao isolamento.”⁶⁶ De acordo com o autor, pesquisas sugerem que, pessoas enlutadas por suicídio “[...] estariam mais propensas a

⁶¹ WORDEN, J. William. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais de saúde mental**. 4ª Ed. São Paulo: Roca, 2013. p. 129.

⁶² MIRANDA, 2014, p. 51.

⁶³ MIRANDA, 2014, p. 51.

⁶⁴ KOVÁCS, 1992, p. 156.

⁶⁵ KOVÁCS, 1992, p. 156.

⁶⁶ CÂNDIDO, 2011, p. 98.

apresentar transtornos ansiosos e depressivos, assim como tendência a ideias e ao comportamento suicida.”⁶⁷

Ao que tudo indica existe um consenso sobre três temas encontrados somente neste tipo de luto: “[...] Por que fizeram isso? Por que eu não preveni isso? Como ele/ela pôde fazer isso comigo? [...]”⁶⁸ Cândido assim apresenta,

“[...] O caráter deliberativo conferido à morte por suicídio, por si só, torna o enlutamento mais difícil em pelo menos três aspectos: 1) Os sobreviventes de suicídio são mais propensos a desenvolver questionamentos dolorosos sobre os motivos que levaram a pessoa ao auto-extermínio; neste sentido, eles se perguntam “por que ela fez isso?” 2) Os sobreviventes apresentam maiores índices de culpa e acusação que os outros enlutados, e se perguntam “por que não evitei que isso acontecesse?”; 3) Eles apresentam forte tendência a se sentirem abandonados e rejeitados; o que acaba por acarretar grande raiva pelo morto. Neste sentido eles se perguntam “como ele foi capaz de fazer isso comigo?” (Jordan, 2001).⁶⁹

Worden afirma que um dos sentimentos predominantes aos sobreviventes de suicídio é a vergonha. Essa vergonha muitas vezes é influenciada pelas reações das outras pessoas. Essa pressão emocional a mais que vem da comunidade não interfere apenas na relação da pessoa sobrevivente com a sociedade, mas também pode modificar de forma extrema os relacionamentos familiares. Normalmente membros da família têm noção de quem sabe e quem não sabe a respeito dos fatores relacionados à morte e, como um acordo velado, alinham seus comportamentos em relação às demais pessoas, com base nesses conhecimentos.⁷⁰ O autor apresenta uma afirmação de Edwin

⁶⁷ CÂNDIDO, 2011, p. 98.

⁶⁸ WORDEN, 2013, p. 130.

⁶⁹ CÂNDIDO, 2011, p. 99 – 100.

⁷⁰ WORDEN, 2013, p. 130.

Shneidman, considerado o pai do movimento de prevenção ao suicídio:

Acredito que a pessoa que comete suicídio coloca seus esqueletos psicológicos no armário emocional dos sobreviventes – condena os sobreviventes a lidar com muitos sentimentos negativos e, mais, a tornarem-se obcecados com pensamentos relacionados com seus papéis reais ou possíveis na precipitação do ato suicida, ou como falharam em evitá-lo. Esta pode ser uma carga pesada.⁷¹

O sentimento de culpa, nos casos de suicídio, tende a ser muito acentuado. Sentem-se responsáveis porque acreditam que deveriam ou poderiam ter feito algo para impedir a morte. Cabe constar que esse sentimento se torna mais difícil quando existia algum conflito entre a pessoa suicida e a sobrevivente. Worden fala que é como acusação que muitas vezes se mostra o sentimento de culpa. Ou seja, lançam seu sentimento de culpa em outras pessoas responsabilizando-as pela morte.⁷²

Precisamos entender que no processo de luto a dor ou o estresse não são o ponto final, podendo durar muito tempo. Assim, as pessoas enlutadas enquanto passam pelo sofrimento podem transitar por várias fases,

[...] desde compreender, aceitar, entender o que é o suicídio, expressar os seus sentimentos, compreender a sua vivência particular, trabalhar sentimento de culpa e perdoar a decisão do suicídio. Além disso, pode envolver reações emocionais, mudança em relação às pessoas, distúrbios físicos, flashbacks, memórias, sonhos e possível reconciliação final com o falecido por aceitar a decisão da vítima.⁷³

⁷¹ CAIN, 1972 *apud* WORDEN, 2013, p. 129.

⁷² WORDEN, 2013, p. 131.

⁷³ MIRANDA, 2014, p. 51.

Segundo Cândido, logo após a surpresa, as pessoas enlutadas por suicídio “[...] se sentem sufocadas por questionamentos a respeito dos significados e das circunstâncias que rondaram a morte. [...]”⁷⁴ As pessoas enlutadas ficam se perguntando pelas razões e outros condicionantes que levaram ao suicídio. Estes questionamentos costumam vir juntamente com “reações emocionais intensas como angústia e raiva. [...]”⁷⁵

Em certa medida, podemos dizer que durante o processo de luto, os sobreviventes de suicídio terão que integrar ao seu *universo de concepções*, a realidade de um ato que, independentemente do nível de intencionalidade ou consciência do seu executor, viola de modo radical um dos pressupostos que estão na base daquilo o que confere sentido de valor à própria vida.⁷⁶

Os intensos sentimentos de raiva vividos pelas pessoas sobreviventes levam-nas, segundo Worden, a entenderem a morte como uma rejeição. “[...] A intensidade de sua raiva, frequentemente as deixa culpadas [...]”⁷⁷ O autor segue relacionando a raiva a baixa autoestima. Afinal, a pessoa que se matou não pensou nela, ou não teria concretizado o ato. “[...] Essa ‘rejeição’ pode ser uma afirmação do valor pessoal da pessoa sobrevivente, acarretando baixa autoestima e intensas reações de luto [...]”⁷⁸

A grande discrepância do luto por suicídio encontra-se nas particularidades provenientes do ato violento. Pois, quando a morte é por outro motivo, como doença, tanto a pessoa que falece quanto seus familiares têm garantida a privacidade do momento do óbito. Porque, quando uma pessoa se suicida em via pública, como nos casos em que se joga de um prédio, a morte também acaba pertencendo às outras pessoas que por este local transitam, as espectadoras da tragédia. Por

⁷⁴ CÂNDIDO, 2011, p. 100.

⁷⁵ CÂNDIDO, 2011, p. 100.

⁷⁶ CÂNDIDO, 2011, p. 100-101.

⁷⁷ WORDEN, 2013, p. 131.

⁷⁸ WORDEN, 2013, p. 131.

ser impactante e violenta a morte, acredita-se não ser possível assegurar a privacidade da família. Essa situação também impede que a família consiga lidar com julgamentos, olhares, comentários indevidos das pessoas expectadoras enquanto o corpo estiver exposto.

Para algumas pessoas que cometem: o suicídio pode encantar e fascinar, pois pode ser a promessa de paz, um caminho transformador: *transforma a dor*, um enamoramento da morte como uma possível extinção do sofrimento...

Para as pessoas que sobrevivem a ele: o suicídio pode desencadear e frustrar, pois pode significar o início da agitação provocada pela falta de explicação e pela privacidade violada...⁷⁹

Parkes indica que “[...] uma perda geralmente traz consigo outras perdas secundárias. [...]”⁸⁰ Assim, o suicídio de uma pessoa querida,

[...] não apenas aniquila a vida da pessoa que o comete, mas impacta – senão aniquila –, igualmente, várias outras vidas que fazem parte de seus vínculos. [...] parece abarcar o sofrimento individual e coletivo, pois, desvela uma obrigação para que a família olhe para sua disfuncionalidade.⁸¹

Mesmo sabendo que cada pessoa enlutada vive de forma particular seu processo de luto, existem indícios de que essas pessoas enlutadas em consequência do suicídio de alguém próximo, são vistas de um jeito mais negativo pelas outras pessoas e por si mesma.⁸² Assim, o suporte às pessoas enlutadas por suicídio é determinante para suas vivências.

⁷⁹ FUKUMITSU, 2013, p. 32-33.

⁸⁰ PARKES, 1998, p. 24.

⁸¹ FUKUMITSU, 2013, p. 33.

⁸² CÂNDIDO, 2011, p. 105.

DESAFIOS PARA A COMUNIDADE DE FÉ

A pessoa enlutada por suicídio de alguma pessoa próxima pode fazer pelo menos dois questionamentos teológicos importantes. O primeiro deles é sobre a “salvação” da pessoa suicida. O suicídio pode ser considerado um *pecado*. Norman Geisler, por exemplo, afirma que na Bíblia

[...] o suicídio se classifica na proibição do assassinato. É pelo menos tão errado tirar ilicitamente sua própria vida quanto o de tirar a vida de outra pessoa. A pessoa deve amar-se a si mesma bem como amar aos outros, conforme está subentendido no mandamento de amar aos outros *como a si mesmo* (Mt 22:39; cf. Ef 5:29). E se amar outra pessoa subentende que não se deve assassiná-la, amar a si mesmo decerto subentende a mesma coisa no que diz respeito ao suicídio. O suicídio é errado porque é o assassinato de um ser humano feito à imagem e semelhança de Deus, ainda que este indivíduo seja a própria pessoa.⁸³

No entanto, o suicídio é um pecado imperdoável? Segundo Jesus (Mc 3.28-29; Mt 12.31-32; Lc 12.10), o único pecado imperdoável é a “blasfêmia contra o Espírito Santo”. Exegetas discutem do que se trata esse pecado,⁸⁴ mas certamente não se refere ao suicídio. Ademais, aqui precisamos lembrar que Paulo nos diz que nada “[...] poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Rm 8.39).⁸⁵ Portanto, certamente a graça maravilhosa de Deus em Cristo é maior do que qualquer pecado que uma filha e um filho de Deus possam cometer, incluindo o “pecado

⁸³ GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: alternativas e questões contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 174.

⁸⁴ Por exemplo, James Edwards diz que este pecado consiste em “[...] um julgamento equivocado específico de que Jesus é motivado pelo mal, em vez de pelo bem; de que ele é empoderado pelo demônio, e não por Deus.” EDWARDS, James R. **O comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2018. p. 168.

⁸⁵ As citações bíblicas são de: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**: Nova Almeida Atualizada 3ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

do suicídio”. Nesse sentido, também é importante ressaltar que a justificação pela fé representa a garantia do perdão dos pecados passados, presentes e futuros.⁸⁶

O segundo questionamento que a pessoa sobrevivente pode fazer é a pergunta fatídica: “onde está Deus”? Em outros termos, “porque Deus permitiu que o suicídio acontecesse?”. Essa pergunta é difícil de responder e ela é um corolário do problema do mal. Na verdade, não há uma resposta totalmente satisfatória para ela, mas pode-se dizer que Deus tem razões que desconhecemos para não impedir que determinado tipo de mal ocorra (como, por exemplo, o suicídio). Nesse sentido, é importante ressaltar que Deus permite que o mal ocorra, mas que Ele próprio não causa o mal e nem tem prazer nele. Por conseguinte, mesmo quando coisas más acontecem com uma filha e um filho de Deus, Ele permanece bondoso, gracioso (e todo-poderoso). Apesar da trajetória, Karin Wondracek expõe que: “A teologia tem o desafio de ser mediadora de sentido também nestas circunstâncias e de mostrar a face misericordiosa de Deus que ‘sofre junto com os que morrem e com seus familiares’ [...]”.⁸⁷

Para Wondracek, durante toda a história da Igreja o suicídio tem sido um desafio teológico. “Considerado pior pecado mortal porque vai contra o dom da vida, ainda hoje causa mal-estar à luz das promessas divinas de vida plena.”⁸⁸

De acordo com Léo Pessini, aconteceram mudanças radicais na postura ética em relação ao suicídio e na forma como a Igreja enxerga o ato. De um passado de condenação radical e proibição de qualquer serviço litúrgico para a pessoa suicida, onde após a morte a pessoa era excluída da comunidade ao ser enterrada num lugar à parte no cemitério, a Igreja passou a acolher e se solidarizar principalmente com

⁸⁶ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 605-606.

⁸⁷ WONDRAECK, Karin Hellen Kepler. Suicídio. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 949.

⁸⁸ WONDRAECK, 2008, p. 949.

a família enlutada. Conforme o autor, é possível falar eticamente em responsabilidade quando a pessoa age em liberdade e consciência. No entanto, nos suicídios normalmente liberdade e consciência estão psiquicamente muito comprometidas. “Suicídio não é um ato de coragem, muito menos de covardia. Muitas vezes é um ato de desespero, um grito de ajuda que exige de nós não julgamento, mas solidariedade.”⁸⁹

Rodolfo Gaede Neto, também faz menção às mudanças ocorridas no modo como se avalia teologicamente o suicídio no perpassar dos tempos. Segundo o autor, as mudanças de normas são relacionadas à imagem de Deus, das pessoas e da vida humana que se faz em cada época. Para exemplificar, ele traz como fato para a teologia reavaliar a vetusta condenação moral das pessoas suicidas a descoberta de doenças que influenciam significativamente no ato suicida e, outros fatores alheios ao desejo e ao controle da pessoa que se mata. Ainda, destaca que, se por um lado, para a ética teológica, não temos a vida para fazermos dela o que queremos; por outro lado, admite-se, conforme Karl Barth, como possibilidade extrema: “[...] que o Deus da graça é capaz de apoiar uma pessoa, mesmo em situação de tentação, ao permitir que ela escolha este desvio”.⁹⁰ E o autor continua a sua reflexão:

O Deus cristão é o que se encarnou, através de Jesus Cristo, na pessoa humana, assumindo, assim, toda a condição humana, inclusive seus conflitos, suas crises e doenças, seus limites e fracassos. Ao ir à cruz, este mesmo Deus desceu às profundezas da miséria humana, experimentou o abandono, a solidão, a fraqueza, a angústia, o medo, a dor mais cruel e a própria morte. Fez isso como o Deus do amor e da salvação, como o bom pastor, como aquele que não quer que alguém

⁸⁹ PESSINI, Léo. **Bioética**: um grito por dignidade de viver. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 202.

⁹⁰ BARTH, 1951 *apud* GAEDE NETO, Rodolfo. Suicídio: reflexões em torno de um caso-limite. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas (org.). **Sombras da alma**: tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 124.

se perca. Como se pode negar que este Deus, com o seu amor infinito e com a sua graça incondicional, esteja solidariamente junto a um miserável ser humano que, de tanto sofrer, não mais tem condições de viver?⁹¹

Ainda, de acordo com Gaede Neto, apenas a Deus pertence o juízo. Não cabendo a nós seres humanos assumirmos essa tarefa em relação as pessoas semelhantes.

Do verdadeiro juiz sabemos que é o Deus de toda a graça, de toda a misericórdia e de todo o amor. É o Deus da cruz, cuja solidariedade com o ser humano não é superficial [...], mas vai ao lugar mais profundo em que um ser humano pode cair, inclusive a morte.

O que nos cabe é olhar para as pessoas com os olhos de Deus e exercitar, com elas, a construção dos meios que mantêm a vida, a vida com o devido brilho que Deus lhe dá.⁹²

A realidade de nossa sociedade atual é de desproteção à vida. E é para essa desproteção que apontam as estatísticas de suicídios. Sendo assim, é necessário que a Igreja se dê conta que todos os suicídios e tentativas de suicídios são gritos de socorro. E esses gritos precisam ser respondidos “[...] através da pregação, do aconselhamento pastoral, da diaconia e outros serviços. Visitar, ouvir, estar aí, acompanhar, compreender, solidarizar-se, amar são atitudes que salvam vidas.”⁹³

Para Wondracek, o apoio pastoral é extremamente importante para sobreviventes de suicídio nas comunidades cristãs. Assim, faz-se necessário consolar nos ritos fúnebres, visitar as pessoas sobreviventes, gerando espaços para que a dor dessas pessoas enlutadas possa ser expressa e “para que não sejam criados tabus por

⁹¹ GAEDE NETO, 2012, p. 124.

⁹² GAEDE NETO, 2012, p. 127.

⁹³ GAEDE NETO, 2012, p. 126.

não saber lidar com a morte voluntária”.⁹⁴ De acordo com a autora, a pastoral é instigada a diminuir preconceitos existentes em relação ao suicídio. “Coerente com a misericórdia divina, é preciso estender a mão para a família enlutada e ajudar toda a comunidade a ter compreensão com a pessoa que não suportou continuar vivendo.”⁹⁵

Segundo Pena, para compreender e acompanhar as pessoas enlutadas por suicídio, um primeiro aspecto a ser observado é a autocompreensão do cuidador, da cuidadora (seu próprio processo de cura). Nesse entendimento, não deverá ser emitido juízo quanto à motivação da morte (suicídio) pela pessoa cuidadora. Assim, deve ser assumida uma espiritualidade libertadora como referencial da prática da fé; levando-se em conta suas implicações: “a superação de velhos preconceitos, a mudança de mentalidade e, por vezes, a cumplicidade com o destino do outro diferente de nós. São consequências da fé enquanto liberdade para servir”⁹⁶ pois, já é suficiente o sofrimento devido ao suicídio.

O segundo aspecto apontado por Pena como necessário à pessoa aconselhadora é a necessidade de ouvir com zelo a dor da pessoa sobrevivente, permitindo que sua escuta “alcance o inatingível verbalmente.”⁹⁷ Pessini discorre sobre escuta:

É importante ter ouvidos capazes de comunicar compreensão, amor e solidariedade. Ouvir não somente o que é dito, mas principalmente o que não é dito e nem precisa ser verbalizado. Ouvir é criar um clima em que as pessoas livremente podem partilhar o sentido de seus dias: seus medos, esperanças, dores, desapontamentos e alegrias. Afirma que é importante ouvir com o ouvido do outro,

⁹⁴ WONDRAČEK, 2008, p. 949.

⁹⁵ WONDRAČEK, 2008, p. 949.

⁹⁶ ZWETSCH, 2005, *apud* PENA, 2012, p. 51.

⁹⁷ PENA, 2012, p. 51.

procurando responder às necessidades do paciente e não do terapeuta.⁹⁸

Clinebell ao redigir que em toda poimênica e em todo aconselhamento é fundamental a arte de ouvir empático e reflexivo, constata que a pessoa aconselhadora precisa ouvir sentimentos. E que este ouvir significa também ouvir os sentimentos que são muito dolorosos e por isso não podem ser expostos com palavras e acabam ficando nas entrelinhas.⁹⁹

Pena, ao escrever referente a questão da culpa, muito presente na vida das pessoas sobreviventes, expõe que a possibilidade de se compartilhar com as pessoas que acolhem sua dor, a escuta da pessoa aconselhadora, associada à inspiração do Espírito Santo é capaz de gerar reconciliação e cura. Contudo, somente através do cuidado isso será possível. Ainda, esse cuidado “apresenta-se como uma pessoa – o prestador de cuidados – pois, *cuidar* requer atitude: ‘Cuidar é ir ao encontro de e caminhar com o outro, acompanhando-o na promoção de sua saúde.’”¹⁰⁰ O cuidado começa quando a existência de alguém tem importância para a pessoa na iminência de motivá-la a dedicar-se a ela. O que inclui se colocar à disposição para participar de seu sofrimento, de sua vida. Ou seja, a pessoa que se coloca a prestar uma escuta empática à pessoa sobrevivente também deverá estar disposta a dispensar atenção a essa vida sobrevivente, pois o momento de muita fragilidade comunicará esta necessidade.¹⁰¹

No referente aos ritos fúnebres e momentos iniciais do processo de luto, lembramos que o suicídio, por ser um evento traumático, dificulta a compreensão inicial da perda complicando o jeito como as pessoas sobreviventes lidam com a notícia. Assim, é necessário que a comunidade reconheça o ritual fúnebre, velório, culto, celebração, como possibilidade única de demonstrar cuidado,

⁹⁸ PESSINI, 2008 *apud* PENA, 2012, p. 51.

⁹⁹ CLINEBELL, 2007, p. 72.

¹⁰⁰ ZOBOLI, 2006 *apud* PESSINI, 2008 *apud* PENA 2012, p. 52.

¹⁰¹ PENA, 2012, p. 52.

fazendo-se presente e acompanhando a família nos momentos iniciais de seu trauma e não evitando, alegando constrangimento. Só pelo fato de estar presente nos ritos fúnebres de sepultamento a pessoa aconselhadora já é amparo.¹⁰² Essa compreensão é compartilhada por Armand Nicholi: “As pessoas que estão de luto desejam estar com outras pessoas, mas sem ter de falar com elas. A família e os amigos podem ser ajuda só pelo fato de estarem ali.”¹⁰³

Ao se propor cuidado a pessoas enlutadas por suicídio é muito importante que a pessoa aconselhadora busque conhecimento sobre esse luto que por muitas vezes é diferenciado do luto por outras mortes. Conforme Worden, algumas formas e circunstâncias de morte exigem compreensão adicional e mudanças nos modos de intervenção. “Perdas por suicídio, [...] podem criar distintos problemas para quem sobrevive. O conselheiro deve estar consciente das características e dificuldades inerentes a essas situações e o que sugerir em termos das intervenções de aconselhamento.”¹⁰⁴

Outra possibilidade de cuidado é o que Schipani define como “tipo especial de relacionamento”, ou seja, o acompanhamento. “Ao acompanhar outros, os aconselhadores atuam como guias em um processo que normalmente se desdobra em fases como exploração, discernimento, interpretação, apoio, entre outros.”¹⁰⁵ Ainda, esse acompanhamento deve acontecer num espírito e cuidado crítico. Para Pena, esse acompanhamento em espírito e cuidado crítico significa observar os limites éticos da relação.¹⁰⁶

Nesse contexto existem possibilidades desse acompanhamento acontecer em grupos, através de grupos de convivência com necessidades afins. “[...] pois o indivíduo necessitará de uma rede de apoio e um sentimento de pertença (pertencimento) na caminhada de

¹⁰² PENA, 2012, p. 54.

¹⁰³ JR NICHOLI, 2005 *apud* PENA, 2012, p. 54.

¹⁰⁴ WORDEN, 2013, p. 129.

¹⁰⁵ SCHIPANI, 2004, p. 100.

¹⁰⁶ PENA, 2012, p. 54.

superação de seu luto – e estes poderão ser viabilizados num pequeno grupo.”¹⁰⁷ Sendo assim, o aconselhamento não deve ser centrado na capacidade da pessoa conselheira, mas deve partir do estímulo à resiliência da pessoa sobrevivente.

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa desenvolvida concluímos que o acolhimento e o cuidado de pessoas que ficaram, após o suicídio de alguém, no contexto das comunidades, é função de todos os membros que a compõe, não cabendo somente às pessoas ordenadas.

O acolhimento e o cuidado de famílias enlutadas pelo suicídio é um processo longo, que também deverá considerar individualmente as pessoas da família enlutada. Este acolhimento e cuidado deve envolver diversos princípios como a não estigmatização da família, acompanhamento sem julgamento do ocorrido ou das razões que levaram ao ato, criação de espaço de escuta segura, assim como a criação de espaços de acolhimento e cuidados para acompanhamento pastoral e grupos de ajuda mútua, fortalecimento dos laços, da estrutura e do suporte social e familiar, não generalização das histórias de vida, respeito à dor, possibilidade de viver o luto de forma digna e respeitosa, evidenciando o amor de Deus em Cristo.

Provavelmente, devido ao caráter desafiador do assunto, durante a pesquisa percebemos um menor número de materiais que tratam do tema na perspectiva cristã. Corrobora com esta percepção o fato de que as comunidades cristãs ainda muito se silenciam sobre o tema, suas causas e consequências, tornando ainda mais doloroso o processo de luto de sobreviventes de suicídio.

¹⁰⁷ PENA, 2012, p. 54.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**: Nova Almeida Atualizada 3ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CÂNDIDO, Artur Mamed. **O enlutamento por suicídio**: elementos de compreensão na clínica da perda. 2011. 228 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CASSORLA, Roosevelt M. S. In: CASSORLA, Roosevelt M. S. (org.). **Do suicídio**: estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1991.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

EDWARDS, James R. **O comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21**: Uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio**. 2013. 237 f. [Tese de Doutorado], Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GAEDE NETO, Rodolfo. Suicídio: reflexões em torno de um caso-limite. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas (org.). **Sombras da alma**: tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: alternativas e questões contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HECKERT, Uriel. O processo do luto e seus impactos nos casos de suicídio In: PERPÉTUO, Marcelo (org.). **Luto: tempo de chorar a dor e ressignificar a vida**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2022.

HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento pastoral e cuidado pastoral**. Joinville, SC: Grafar, 2019.

KOVÁCS, Maria Júlia. Comportamentos autodestrutivos e o suicídio. In: KOVÁCS, Maria Júlia (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEWIS, Clive Staples. **A anatomia de uma dor: um luto em observação**. São Paulo, SP: Vida, 2006.

LICHTENFELS, Henriete. Luto. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2018.

MIRANDA, Tatiane Gouveia de. **Autópsia psicológica: compreendendo casos de suicídio e o impacto da perda**. 2014. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PENA, Giani Mota Brandão. **Suicídio, sobrevivente e aconselhamento pastoral: reflexões no vale da sombra da morte**. São Leopoldo, RS, 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012. Disponível em:
http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/335/1/pena_gmb_tmp242.pdf. Acesso: 01 jun. 2022.

PESSINI, Léo. **Bioética: um grito por dignidade de viver**. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. Aconselhamento pastoral. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2018.

SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais de saúde mental. 4ª Ed. São Paulo: Roca, 2013.

World Health Organization. **Suicide**. World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/suicide>. Acesso: 01 jun. 2022.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. Suicídio. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

GRUPO DE ACOMPANHAMENTO DE PESSOAS ENLUTADAS

Nilton Eliseu Herbes*

RESUMO: O luto nunca foi um tema tão atual como na contemporaneidade. Após a pandemia do Covid-19, vivemos em uma sociedade em luto coletivo. Muitas mortes não puderam ser devidamente processadas, resultando, em alguns casos, em luto patológico. As comunidades de fé testemunham muitas de suas pessoas membras em estado de enlutamento. Elas não possuem estruturas e pessoas suficientes para fornecer o acompanhamento ou aconselhamento pastoral adequado. Por isso, este artigo aborda a questão do trabalho com pessoas enlutadas em grupos de apoio. O texto trata, de forma concisa, da dinâmica dos grupos na vida da sociedade, do tema do luto e aconselhamento, da importância do trabalho em grupos de enlutados e propõe um itinerário para a prática dessa atividade. A pesquisa é bibliográfica e reflexiva, com uma proposta de ação concreta para o trabalho comunitário.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral. Luto. Grupo. Comunidade .

ABSTRACT: Grief has never been such a timely topic as in contemporary times. After the Covid-19 pandemic, we are living in a society in collective mourning. Many deaths could not be properly processed, resulting, in some cases, in pathological grief. Faith

* Doutor em Teologia. Faculdade EST. E-mail: nherbes@yahoo.com.br

communities witness many of their members in a state of mourning. They lack sufficient structures and personnel to provide adequate support or pastoral counseling. Therefore, this article addresses the issue of working with bereaved individuals in support groups. The text succinctly discusses the dynamics of groups in society, the topic of grief and counseling, the importance of working in bereaved groups, and proposes an itinerary for the practice of this activity. The research is bibliographic and reflective, with a concrete action proposal for community work.

Keywords: Pastoral counseling. Grief. Group. Community.

INTRODUÇÃO

O luto é um tema muito presente na contemporaneidade, principalmente levando em consideração toda a situação vivida neste período de pós-pandemia. Muitas pessoas vieram a óbito e os processos iniciais de luto foram dificultados por conta da necessidade de afastamento e impossibilidade de realizações de despedidas, velórios prolongados e de sepultamentos públicos.

Em relação à igreja, houve uma limitação no acompanhamento pastoral, tanto no período da morte, como no momento do sepultamento e no tempo do início do luto. Assim, ficaram lacunas a serem preenchidas no atendimento pastoral às pessoas que, em muitos casos, agora ainda estão com dificuldade de superação do processo de luto. Há uma grande necessidade de elaboração de perdas e de acompanhamento pastoral para tal.

Por outro lado, na realidade das comunidades de fé, com a possibilidade de retorno às atividades presenciais, a rotina pastoral volta a ser vivida com mais intensidade. A grande maioria das pessoas religiosas se sente sobrecarregada com as atividades que parecem se acumular na realidade das comunidades. Sendo assim, não sobra muito tempo para o acompanhamento mais individual de pessoas enlutadas e se faz necessário encontrar alternativas.

Houve um desgaste no contexto das capelanias hospitalares e do trabalho de visitação hospitalar, devido ao papel de suporte que tiveram que desempenhar para muitas equipes de assistência. As equipes de saúde viram nas pessoas religiosas, quando permitidas a permanecer nos hospitais, um apoio para o cuidado de que necessitavam. As famílias, impedidas de entrar nos hospitais durante a pandemia, encontraram na presença da pessoa pastoral uma aliada para o diálogo e para receber informações sobre seus entes queridos internados. Em muitos casos, essas informações eram acompanhadas da triste notícia do falecimento de alguém próximo. Portanto, o luto também se tornou um tema importante para esse grupo de profissionais.

No contexto da pandemia de COVID-19 há uma série de fatores que podem dificultar a elaboração do luto, tais como morte repentina e em circunstâncias de total isolamento em unidade hospitalar, experiência do morrer em situação de intenso sofrimento e dor física, supressão do tempo necessário para que se possa dar significado à perda, exposição ao estigma e discriminação social, rarefação de ritos e rituais, falta de suporte social, tensionamento das relações familiares e ocorrência de outras perdas simultaneamente à morte. Nesse cenário adverso, nota-se a elaboração de propostas de intervenção mediadas pelo uso de tecnologias digitais, a fim de abrandar o sofrimento de familiares e amigos.¹⁰⁸

Diante desse novo desafio, criou-se, por inúmeros meios e instituições, novas formas de comunicação, atendimento ou mesmo aconselhamento. Porém, após a diminuição de casos de Covid-19, com o relaxamento do afastamento social, essas mesmas formas de comunicação não exercem o mesmo atendimento que era oferecido anteriormente. Falando em termos de comunidades, as atividades

¹⁰⁸ CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira et al. The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2020, v. 28. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361> Acessado em 20/05/2023.

corriqueiras voltaram a ser presenciais e assumiram boa parte do tempo das pessoas religiosas. A membresia eclesial voltou ao seu ritmo de trabalho e vida, e busca por novas formas de “retomar” antigos atendimentos ou buscar novas possibilidades ou ofertas de ajuda. Porém, em ambos os lados, se percebe uma sobrecarga e, ao mesmo tempo, uma necessidade de cuidados.

Há um grande grupo de pessoas que vivem num luto solitário, causado pelo distanciamento em tempos pandêmicos, que precisa ser trabalhado em nossas comunidades. A perda de uma pessoa amada, o enterro com normas sanitárias mais rígidas, a não possibilidade de velórios, as poucas pessoas no sepultamento, o fato de não poder ver a pessoa morta e muito menos tocá-la, dentre outras tantas situações, causaram muito sofrimento e dor durante a período mais intenso do alastramento do Covid-19. Isso tudo resultou em lutos solitários. Mesmo o acompanhamento religioso, através da visitação após o sepultamento e do aconselhamento pastoral em tempos de luto, foi restringido, muitas vezes, à uma ligação telefônica ou à ausência total de acompanhamento. Nessa realidade temos um número maior de pessoas em busca de ajuda e de formas de alívio de seus sofrimentos, onde percebemos lutos patológicos que não foram elaborados adequadamente.

Dessa forma, em tempos pós-pandêmicos, a realidade do luto se mostra muito mais presente e precisa ser encarada e trabalhada para que se possa ter uma continuidade de vida saudável, para que as pessoas possam se reencontrar nesse novo contexto apresentado. Surge, assim, a pergunta: Como podemos ajudar um grupo maior de pessoas no seu processo de luto? Este artigo quer auxiliar pessoas que atuam em trabalhos de cuidados de outras no processo de elaboração do seu luto, como um impulso a pensar em alternativas de cuidado. Partindo da realidade de rodas de conversas, pensar como essas podem se transportar para a realidade da vivência comunitária e auxiliar pessoas enlutadas em seu caminho de superação. Direcionamos a escrita para o trabalho comunitário, mas nada impede que esse mesmo tipo de trabalho possa ser oferecido por outras instituições de cuidado.

GRUPO DE APOIO

Ao considerarmos uma forma de comunicação, diálogo, terapia e cuidado com um número maior de pessoas, é natural pensar nas rodas de conversa, nas trocas informais entre amigos, compartilhando uma bebida, cantando juntos, desfrutando de um chimarrão, e em tantas outras formas de convívio em grupo. Essas rodas são características de nosso estilo de vida e convívio, podendo ser consideradas como um aspecto brasileiro ou mesmo latino-americano de socialização por afinidade. Por outro lado, ainda temos uma forte influência do nosso jeito "igrejeiro" de celebrar e trabalhar, especialmente quando pensamos em celebração e aconselhamento pastoral, que são fortemente influenciados por um contexto do hemisfério norte.

O desafio de repensar o trabalho eclesial, considerando nosso contexto, nos leva a refletir sobre a importância de rodas e círculos. Ao analisar o trabalho em grupos, podemos aprender com uma atividade que envolve pessoas com deficiências. Nessa atividade, o objetivo do grupo de apoio é desencadear um processo que permita a superação de barreiras, sejam elas internas ou externas, proporcionando oportunidades para que essas pessoas se envolvam em uma vida de celebração, compartilhamento, amizade, afeto, lazer e convívio. Destaca-se a visitação e o convívio fraterno como pontos fortes desse trabalho baseado em grupos de apoio. Como eixo de sustentação dos grupos, se apresenta a solidariedade e a busca do desenvolvimento integral da pessoa.¹⁰⁹

Refletindo em termos de crescimento, o grupo de apoio é o lugar ideal em relação às questões emocionais. O grupo de pessoas reunidas, pode oferecer a sensação de apoio e proporcionar o sentimento de ser amado, valorizado e acolhido pelas demais pessoas

¹⁰⁹ WUTZKE, Egon; WALBER, Vera Beatris. As pessoas com deficiência e sua vida comunitária. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). **Práticas diaconais**: subsídios bíblicos. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 178.

participantes. O proporcionar uma comunhão terapêutica está ligado com o ouvir e levar em consideração as necessidades das outras pessoas, mostrando-se aberto para o diálogo, a conversa, proporcionando dessa forma o acolhimento e a aceitação. Isso nos lembra um versículo de uma das cartas de Paulo, onde consta: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (G1 6.2).¹¹⁰

Nos últimos anos, percebemos que os profissionais da área da saúde mental têm dado, cada vez mais, valor à realização de grupos terapêuticos, nos quais as pessoas ajudam umas às outras, proporcionando assim um processo terapêutico, de cuidado mútuo, ou de cura. Essa referência já podemos encontrar na obra de Garry Collins.¹¹¹ Nosso desafio é refletir como essa forma de ajuda pode ser trazida para dentro do contexto eclesial.

Collins relata que mesmo as comunidades dos primeiros cristãos, reunidos em pequenos grupos para receber o ensino, ter comunhão, comer e orar juntos, se apoiavam e animavam mutuamente. Ali, pode estar o início de um exemplo de grupo de apoio eclesial. No início do século passado, um grupo de psiquiatras norte-americanos reuniu um grupo de pessoas tuberculosas em turmas. Através do compartilhamento de suas experiências, encorajamento mútuo e o desenvolvimento de laços de amizade e solidariedade, eles perceberam o potencial do cuidado em grupo. Esse era um processo de aconselhamento em grupo, o que se tornou, mais tarde, um tratamento único e especializado. Milhares de técnicas foram desenvolvidas nesse sentido, chegando ao auge da popularidade durante a era dos encontros de grupos, ocorrido na década de 1960 e 70.¹¹²

As experiências vivenciadas pelas pessoas em atividades de grupos, saindo do individualismo, numa realidade e sociedade que

¹¹⁰ WUTSKE; WALBER, 2004, p. 179.

¹¹¹ COLLINS, Garry R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 15.

¹¹² COLLINS, 2004, p. 68.

incentiva a isso, são um desafio para a quebra de exclusões sociais de pessoas que estão em sofrimento. A possibilidade de poder participar de um grupo de apoio é mais do que só encontrar outras pessoas, numa reunião, para resolver problemas. É um momento de partilha, de conhecer-se e deixar-se ser conhecido, e de levar as cargas que possuímos, conjuntamente. O grupo de apoio oportuniza convivência, diálogo, acolhimento.¹¹³ Dessa forma, auxilia no processo de ajuda e cura entre as diferentes pessoas participantes desse momento.

Já é de conhecimento que a espiritualidade e a religiosidade são fatores importantes na vida do ser humano. Por isso o interesse, de tantas outras áreas de conhecimento, sobre o assunto. A discussão é ampla, porém uma definição que nos pode ajudar, de forma extremamente reduzida, é a de Jardelino Menegat, Dirléia Sarmento e Manuel Díaz, que enfatiza a espiritualidade como parte integrante do ser humano, assim ela

é uma dimensão antropológica, própria da pessoa, independentemente da religiosidade praticada e atribuída às religiões. [...] As práticas confessionais podem ser uma das formas de trabalhar a espiritualidade, mas, conceituada amplamente, a espiritualidade é um modo de a pessoa ser e de se apresentar no mundo.¹¹⁴

O trabalho com grupos, no contexto das comunidades de fé, deverá inegavelmente ter como baliza a espiritualidade. Esse é o específico do trabalho da igreja com as pessoas que nela congregam. Pensar grupos para dentro da realidade eclesial é pensar formas de vivências de espiritualidade. No caso, vivências de cura para pessoa quebrantadas pela dor do sofrimento, causado pelo luto.

¹¹³ WUTZKE; WALBER, 2004, p. 178.

¹¹⁴ MENEGAT, Jardelino; SARMENTO, Dirléia F.; DÍAZ, Manuel. Bem-estar no ambiente de trabalho: a espiritualidade como diferencial. *Conhecimento e Diversidade*, Niterói, n. 12, p. 129-144, jul./dez. 2014. p. 133.

ACONSELHAMENTO E LUTO

O aconselhamento pastoral é uma das principais formas de ajudar pessoas que necessitam de apoio em situação de crise e sofrimento. Segundo Howard Clinebell, “o aconselhamento pode ajudar-nos a *ser* igreja – a comunidade em que o amor de Deus se torna uma realidade experimentada em relacionamentos.”¹¹⁵ Viver e experimentar o amor de Deus em uma dinâmica de compartilhar as alegrias e tristezas entre as pessoas é uma maneira concreta de viver o ser igreja, especialmente quando se trata de pessoas em situação de luto. No meio cristão, é no relacionamento com as outras pessoas que se experimenta a proximidade de Cristo.

Aconselhamento pastoral aqui é entendido como um processo de comunicação em vistas de prestar auxílio às pessoas com alguma necessidade de ajuda para superação de dificuldades. Neste caso, seriam pessoas vivendo em situação de luto. Como para a elaboração do luto é necessário que se fale, sempre de novo e de novo, sobre a pessoa que faleceu, o aconselhamento tem sido parceiro no processo de escuta, numa sociedade onde pouco se faz escutar. Não há outra forma de elaboração do luto sem que a dor seja verbalizada, seja dividida com outras pessoas, e assim elaborada e reelaborada num processo contínuo de contar a história de quem morreu.

Blanches de Paula afirma que “aconselhar é a arte de reconhecer nossa vocação para escutar a dor do outro e oferecer nossos olhos quando a pessoa em sofrimento não enxerga mais as cores que compõem a existência.”¹¹⁶ Assim, ela entende que “no aconselhamento, a mensagem vem de quem traz em si a história de vida que quer compreender com os valores de sua fé.”¹¹⁷ Portanto, a

¹¹⁵ CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento pastoral**: Modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal/EST, 6ª. Ed. 2016. p. 14.

¹¹⁶ PAULA, Blanches de. **Pedaços** de nós: luto, aconselhamento e esperança. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011. p. 207.

¹¹⁷ PAULA, 2011, p. 207.

igreja possui a obrigação de fornecer espaços de escuta e apoio para as pessoas que sofrem.

Há conhecimento de que o processo do luto ainda não é algo definido. A morte é assimilada de diferentes formas por diferentes pessoas, dependendo de suas vivências, experiências, e de sua composição psicológica e de fé. Mesmo sabendo da existência das fases do luto, nem todas as pessoas passam por elas e nem na ordem que estão definidas, como no caso da autora Elisabeth Kübler-Ross¹¹⁸.

A ausência de uma rotina no processo de sepultamento dos corpos, como os rituais fúnebres, a não visualização do corpo sem vida, em tempos de pandemia, agregaram para o sofrimento ainda maior de pessoas enlutadas, o que repercute no processo de assimilação do luto. A pandemia trouxe consigo outras dificuldades, que acabaram causando ainda mais sofrimento. As incertezas políticas, sociais e econômicas, de quem já se encontrava fragilizado psiquicamente, foram fatores que se destacaram nesse processo.¹¹⁹

No contexto da pandemia, relacionado às mortes de pessoas com Covid-19, as autoras Suzane Smeltzer e Brenda Bare definem que o luto se refere aos sentimentos pessoais que acompanham uma perda prevista ou real. Essa perda está relacionada ao intervalo de tempo no qual acontecer o pesar. Com o passar do tempo, na medida em que a pessoa enlutada aprende a viver com a perda de seu ente querido, os comportamentos de pesar e as reações de luto vão se modificando. Porém, conforme conceituações mais recentes, a perda, como processo de desenvolvimento contínuo, não é sinônimo de cicatrização completa da ferida deixada pela morte de alguém. A dor é amenizada, mas a perda não é atenuada por completo, e isso provoca nela uma mudança, o que faz com que ela não seja o que era antes,

¹¹⁸ KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes.** 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 25. A autora descreve as fases do luto.

¹¹⁹ MELLO, Robson. **Luto na pandemia covid-19.** Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental, v. 9, n. 1, 2020. n.p.

fazendo-a desenvolver um novo sentido de quem é e onde é o seu novo lugar adaptado neste mundo que se alterou drástica e permanentemente.¹²⁰

Para muitas pessoas, um dos maiores sofrimentos em tempos pandêmicos foi a solidão. Um fator agregador de sofrimento pode ser visto na perda de pessoas amadas, neste tempo de isolamento. Érica Cardoso, em sua pesquisa, reforça que a “solidão” imposta pelo evento pandêmico foi um agravante de dor no momento de luto. A impossibilidade de ficar em família, encontrar outros familiares, e oferecer apoio nos momentos de morte de pessoas de vínculo foram desencadeadores de sofrimento mais intenso. Cardoso registra:

Em se tratando da cultura brasileira, esses ritos de passagem que compõem os rituais de despedida estão tão naturalizados no cotidiano que sua suspensão, ainda que justificada, é cercada de incredulidade e sofrimento. A sensação dominante é de que um ciclo se abriu e não se completou: *O mais triste é que, por estarmos no meio de uma pandemia, não terá velório do jeito que ele mais amaria, com uma tocada da orquestra dele (neto)*. O processo de chorar o morto e de se reunir com parentes e amigos para receber conforto e solidariedade foi sumariamente interrompido: *A coisa mais triste do mundo é perder um filho, não poder ir ao enterro, não poder fazer nada. É muito difícil, difícil, difícil. Até a gente não aguentar mais (mãe)*.¹²¹

A dor do luto presente na vida das pessoas que sofreram perdas durante o período pandêmico não desapareceu com a amenização da pandemia. Por isso, o trabalho com pessoas enlutadas é de tamanha importância, e uma das instituições que deverá assumir esse compromisso é a igreja. Se o aconselhamento pastoral é o caminho para auxiliar pessoas em seus sofrimentos e dores, na procura por uma possível cura, é preciso repensar formas de como realizar essa

¹²⁰ SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. (orgs). **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. Brunner & Suddarth. Trad. José Eduardo Ferreira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 418-422.

¹²¹ CARDOSO, 2020, p. 5.

atividade, com o intuito de atingir um público maior do que no atendimento individual.

GRUPO DE PESSOAS ENLUTADAS

Ao pensarmos no aconselhamento pastoral, logo nos damos conta que ele é realizado de forma individualizada, com hora marcada em escritórios pastorais, sendo que só um público restrito é atingido. Buscando-se um jeito novo, latino, de fazer e viver igreja, surge a pergunta: como rever essa forma de cuidado?

Pensar uma roda de aconselhamento pode ser um desafio, um velho novo jeito de fazer, mas pode aproximar mais as pessoas que estão dispostas a trazer o jeito que se vive nos lares e nos círculos de amizades para dentro do jeito de viver igreja.

Clinebell, trabalhando com a questão do aconselhamento em pequenos grupos, afirma: “Métodos de assistência e aconselhamento em grupo constituem o recurso mais fecundo para a ampliação e o aprofundamento do ministério de cura e crescimento de uma igreja!”¹²² Ampliar o aconselhamento para abranger um número maior de pessoas é um desafio para a realidade do trabalho com enlutados na atual conjuntura. Por outro lado, pode proporcionar um crescimento para a igreja.

Nesse mesmo sentido, a autora Ana Coelho trabalha com a questão da abrangência do aconselhamento pastoral para dentro da realidade de comunidades de fé. “Através de pequenos grupos, uma igreja poderá suprir as necessidades emocionais e espirituais de muitos de seus membros.”¹²³ Mostra-se, assim, que os grupos podem ser uma

¹²² CLINEBELL, 2016, p. 338.

¹²³ COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. **Aconselhamento em grupos na igreja local.** Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. 47f. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2008. p. 11.

alternativa positiva para o trabalho com públicos específicos, também com pessoas vivendo em luto.

Iara Muller, na composição de sua dissertação de mestrado “Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência”, mostra a composição de pequenos grupos de aconselhamento pastoral como lugares que promovem transformação, demonstrando como um grupo de aconselhamento pode se tornar uma experiência valiosa, e auxiliando, de forma positiva, no enfrentamento de situações limites. Os mencionados grupos podem ser de uma valia imensa na ajuda, através do aconselhamento pastoral, da elaboração de crises pessoais.¹²⁴ Mesmo que o público para o qual a autora escreve seja outro, entendemos que podemos aplicar o mesmo para pessoas enlutadas.

Indiscutivelmente, o aconselhamento individual possui o seu valor e é muito útil para várias pessoas. Porém, os benefícios para pessoas que participam em grupos de apoio, como pessoas em busca de aconselhamento, são maiores, pelo fato de poderem compartilhar com outras, de igual interesse, as suas questões.¹²⁵ Dessa forma, há um enriquecimento e um processo de reflexão, que leva a um processo de cura, para um grupo maior de pessoas. O ouvir de outras pessoas, que passam pelo mesmo processo, faz com que se reflita sobre a sua situação atual.

Se referindo ao aconselhamento pastoral em grupos, mais especificamente de pessoas enlutadas, Giani Pena menciona grupos de convivência com necessidades afins como possibilidade de um bom acompanhamento, que vai além de compartilhar sua história de dor e sofrimento. “[...] pois o indivíduo necessitará de uma rede de apoio e um sentimento de pertença (pertencimento) na caminhada de superação de seu luto – e estes poderão ser viabilizados num pequeno

¹²⁴ MULLER, Iara. **Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência**. Dissertação de mestrado para obtenção do grau de mestrado em Teologia. 216p. São Leopoldo, 1997. p. 9.

¹²⁵ COLLINS, 2004, p. 58.

grupo.”¹²⁶ Os grupos podem oferecer muito mais do que simplesmente aconselhamento. Eles permitem que as pessoas se sintam parte de um grupo maior, composto por indivíduos que enfrentam situações semelhantes, o que ajuda a reduzir o isolamento, criar novos vínculos e proporcionar apoio mútuo, mesmo fora do ambiente do grupo.

Clinebell, destacando a formação de pessoas leigas para o auxílio no aconselhamento da comunidade, pensando no aspecto da poimênica, enfatiza a criação de grupos de apoio mútuo como forma do agir da comunidade, em favor das pessoas necessitadas.¹²⁷ Aqui, podemos destacar o aspecto do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem como espaço de ação da comunidade, auxiliando no espírito comunitário de ajuda, que deve ser um diferencial dentro do contexto de comunidades cristãs, no apoio do acompanhamento de pessoas enlutadas. Nem sempre lideranças religiosas poderão assumir todo o trabalho. Por isso: “Caso tal liderança não esteja disponível, a igreja deveria concentrar-se (...) em aconselhamento de prazo relativamente curto em grupos destinado a ajudar pessoas a enfrentar perdas e crises de modo construtivo.”¹²⁸

Falando em vivência comunitário, Paula afirma que o cuidado pastoral é algo que pode ser articulado com a vivência comunitária do luto, destacando a influência positiva que a comunidade pode ter nesse processo, sendo que a autora também percebe a importância do envolvimento de outras pessoas da comunidade no cuidado de

¹²⁶ PENA, Giani Mota Brandão. **Suicídio, sobrevivente e aconselhamento pastoral: reflexões no vale da sombra da morte**. São Leopoldo, RS, 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012, p. 54. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/335/1/pena_gmb_tmp242.pdf Acessado em 24/04/2023.

¹²⁷ CLINEBELL, 2016, p. 68.

¹²⁸ CLINEBELL, 2016, p. 349.

enlutados. Nesse sentido, se abrange a ação pastoral da comunidade ligada a uma realidade de comunidade entendida como terapêutica.¹²⁹

Susan Rocca afirma que o caminhar junto, o aspecto da ajuda mútua e a oportunidade de poder falar de suas dores e as causas alimentam a esperança de uma vida nova. O grupo, como espaço de acolhida à dor, de falar e ouvir, sem medo de preconceitos, é revelação de um caminho à ressignificação da vida, diante da constatação da finitude, da morte. Entendemos, então, que “resiliência não se faz sozinho. É presença do outro, é vínculo, é apoio mútuo, é comunhão”.¹³⁰ O encontrar sentido em continuar vivendo, ou se readaptar a nova realidade imposta, após a morte de uma pessoa amada, pode ser facilitado no convívio com outras pessoas, no apoiar e se sentir apoiado, na celebração e na comunhão com pessoas que passam pelo mesmo sofrimento.

DINÂMICA DE UM GRUPO DE PESSOAS ENLUTADAS

A busca por uma prática de cuidado de pessoas enlutadas, em grupo, nos conduz à reflexão de como isso ocorreria de forma bem concreta. Na maioria das comunidades de fé já existem diferentes tipos de grupos, com diferentes dinâmicas. O que se verá descrito abaixo não é nada novo, porém, pode auxiliar a se pensar em novas formas de ajudar e cuidar de pessoas no contexto eclesialístico.

Voltando ao conceito de que o trabalho todo não precisa ser realizado só pela pessoa religiosa, é importante que haja um grupo de trabalho em torno do grupo de pessoas enlutadas. Ele pode ser composto por indivíduos com formação na área de psicologia, serviço

¹²⁹ PAULA, 2011, p. 189.

¹³⁰ ROCCA, Susan M. Resiliência: Uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos & ROCCA, Susan M. (Orgs.). **Sofrimento, Resiliência e fé: Implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 84.

social, ou mesmo por membros da comunidade com experiência no trabalho com outras pessoas. A sensibilidade, o dom de liderança, a calma, a paciência, o saber ouvir e a empatia são características que podem ser observadas nessa escolha.

Abaixo, segue como poderia ser, em grandes rasgos, a dinâmica de um grupo de pessoas enlutadas:

Chegada – A recepção das pessoas que se animaram para participar do grupo deve ser de forma afetiva, fazendo-as se sentirem bem-vindas ao encontro. É aconselhável que haja uma pessoa que receba os e as participantes na sua chegada. Como em todas as atividades de grupos, não é subentendido que ela esteja ali.

Acolhida – O grupo se senta em uma grande roda de cadeiras. Alguém lhes dá as boas-vindas, podendo usar um pensamento, um versículo bíblico ou algo do gênero, e manifestando a satisfação que as pessoas tenham se motivado a participar daquele momento de encontro. Apresenta-se quem está atuando como liderança nesse grupo, bem como as pessoas presentes. O objetivo de público desse grupo deveria ser aberto, sendo que cada pessoa pode participar quando sentir necessidade, e não há obrigação de fazer parte continuamente do grupo. Sua dinâmica permite a realização de um grupo com público aberto.

Mensagem – Uma pequena mensagem é preparada anteriormente, diferente para cada uma das reuniões. Essas mensagens podem ser algo relacionado a um texto bíblico, assim como podem ser textos reflexivos, que auxiliem as pessoas a pensarem pelo que estão passando.

Explicação da dinâmica – Sendo um grupo com mais de cinco ou seis pessoas, sugere-se que seja dividido em grupos menores (de 5 a 6 pessoas, mais uma pessoa facilitadora). Todas as pessoas devem ter a chance de se manifestar. Deve haver a regra de que, se uma pessoa já fez o uso da palavra, ela deveria, dentro do possível, esperar até que as demais tenham se manifestado para poder falar novamente. Como grupo de apoio, o objetivo é que todas as pessoas possam contar a sua história e ouvir a história das outras, num processo de aprendizagem e

análise da própria situação. A pergunta geradora da conversa será: “Como estou me sentido hoje em relação à pessoa que faleceu?” A pessoa facilitadora possui a tarefa de coordenar as falas e auxiliar o grupo no seu processo de conversa. É importante frisar que o sigilo deveria ser algo a se manter, pois haverá exposições pessoais e que não deveriam sair do grupo participante.

Atividade em grupos – Dividem-se os grupos e se estipula o tempo de duração da atividade (sugestão de uma hora de conversa). Se houver momentos de choro ou de silêncio, esses devem ser tolerados, pois são momentos importantes na dinâmica do grupo.

Fechamento – Após a dinâmica de grupo, todas as pessoas são novamente reunidas no grupo maior. Deverá ser verificado se há alguém que gostaria de compartilhar algo no grupo maior. Se houver, dar abertura para essa exposição. Finalmente, parte-se para o fechamento do encontro.

Oração e bênção – Para finalizar é importante que haja um momento de oração e bênção para todas as pessoas participantes.

Final – Após o encontro, pode ser importante ter um momento com café, chá ou suco, e talvez algo para comer. Esse espaço é importante para tecer redes entre as pessoas, onde elas podem continuar conversando e se conhecerem melhor. Também é uma oportunidade para que pessoas dispostas possam prestar outros auxílios para quem esteja precisando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, nessa sociedade líquida e pós-moderna, as pessoas buscam espaços onde tenham a possibilidade da convivência, do compartilhar as alegrias e, principalmente, os momentos de sofrimento e crise. O presente artigo teve a intenção de demonstrar uma forma de cuidado com pessoas enlutadas, a partir do aconselhamento e do trabalho em grupos, dentro da realidade de comunidades de fé.

O luto sempre é uma experiência dolorosa e triste. Vivê-lo sozinho e isolado o faz ser mais pesado ainda. A comunidade cristã tem, desde a sua origem, o cuidado como desafio, principalmente com as pessoas mais fracas e necessitadas. Pessoas enlutadas precisam, principalmente nesse momento da vida, de apoio e de acolhida pela comunidade.

Um grupo de pessoas enlutadas pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas, oferecendo solidariedade em tempos de sofrimento, acolhimento em suas dores, compartilhamento com pessoas que estão passando pela mesma situação, vivência e aprendizado da resiliência. Essa experiência pode ser uma forma de fortalecimento de laços de amizade e de fé dentro do contexto comunitário.

Para finalizar, a proposta de trabalho com pessoas enlutadas apresentada não precisa necessariamente ocorrer na realidade de comunidades de fé. Há outros espaços onde esse tipo de atividade pode ser incluído no processo de cuidado. Exemplos são: hospitais, asilos, funerárias, organizações sociais, dentre outras. Onde há pessoas vivendo em luto, é possível realizar trabalhos de cuidado e acompanhamento, e a dinâmica dos grupos de pessoas enlutadas se apresenta como uma alternativa para a prática desse cuidado.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira et al. The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2020, v. 28. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361> Acessado em 20/05/2023.

CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento pastoral: Modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 6ª. Ed. 2016.

COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. **Aconselhamento em grupos na igreja local**. Trabalho de Conclusão de Curso de

Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. 47f. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2008.

COLLINS, Garry R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MELLO, Robson. Luto na pandemia covid-19. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 1, 2020.

MENEGAT, Jardelino; SARMENTO, Dirléia F.; DÍAZ, Manuel. Bem-estar no ambiente de trabalho: a espiritualidade como diferencial. **Conhecimento e Diversidade**, Niterói, n. 12, p. 129-144, jul./dez. 2014.

MULLER, Iara. **Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência**. Dissertação de mestrado para obtenção do grau de mestra em Teologia. 216p. São Leopoldo, 1997.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós**: luto, aconselhamento e esperança. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011.

PENA, Giani Mota Brandão. **Suicídio, sobrevivente e aconselhamento pastoral**: reflexões no vale da sombra da morte. São Leopoldo, RS, 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012, p. 54. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/335/1/pena_gmb_tmp242.pdf Acessado em 24/04/2023.

ROCCA, Susan M. Resiliência: Uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos & ROCCA, Susan M. (Orgs.). **Sofrimento, Resiliência e fé**: Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. (orgs). **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. Brunner & Suddarth. Trad. José

Eduardo Ferreira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

WUTZKE, Egon; WALBER, Vera Beatris. As pessoas com deficiência e sua vida comunitária. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCH, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). **Práticas diaconais: subsídios bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

- Acompanhamento, 8, 10, 11,
12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22,
23, 24, 25, 26, 29, 33, 35, 39,
56, 57, 61, 62, 63, 64, 73, 74,
78
- Acompanhamento Patoral,
11, 26, 33
- Aconselhamento Pastoral, 8,
10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 20,
23, 24, 25, 28, 29, 30, 33, 39,
40, 41, 42, 53, 59, 61, 64, 65,
68, 71, 72, 73, 79
- Comunidade
- Comunidades, 8, 15, 17, 18,
19, 22, 35, 39, 40, 43, 46,
51, 53, 55, 61, 68, 74, 75,
77, 78
- Crises
- Situações de Crises, 8, 9, 10,
11, 12, 13, 14, 15, 17, 18,
19, 20, 21, 22, 23, 24, 25,
26, 28, 29, 31, 36, 39, 56,
64, 72, 73
- Cuidados, 14, 21, 29, 55, 57, 64
- Esperança, 19, 28, 31, 36, 41,
69, 74, 75, 79
- Famílias, 33, 34, 38, 46, 48, 49,
51, 53, 55, 57, 70
- Grupo, 21, 23, 43, 56, 61, 63,
64, 65, 66, 67, 72, 73, 74, 75,
76, 77, 78, 79
- Luto, 8, 19, 26, 31, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 41, 44, 45, 47, 48,
49, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62,
63, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 73,
74, 77, 78, 79
- Perda, 8, 22, 26, 34, 35, 36, 37,
41, 42, 43, 44, 49, 55, 57, 59,
63, 64, 70
- Pessoas Enlutadas, 8, 34, 37,
44, 45, 47, 49, 53, 55, 61, 63,
65, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77,
78
- Poimênica, 38, 40, 54, 74
- Situações de Emergências, 11,
13, 14, 22, 26
- Suicídio, 33, 42, 51, 52, 58, 59,
60, 73, 79
- Superação, 16, 18, 28, 29, 54,
56, 62, 65, 68, 73, 75, 79

Este livro oferece reflexões práticas sobre o acompanhamento e aconselhamento pastoral em situações de extremo sofrimento, abordando temas como luto por suicídio, apoio em comunidades de fé e cuidado em catástrofes, visando auxiliar na ação pastoral em favor dos que sofrem, constituindo-se como um recurso valioso para a reflexão e prática pastoral.

ISBN: 978-6-58807-450-3

